

Os *Kaffeepflücker*. da Turíngia para Santa Isabel

Carlos Eduardo Steiner¹

Introdução

O termo *Kaffeepflücker* (colhedores de café) se refere a um grupo de imigrantes alemães remigrados para Santa Catarina após passarem quase uma década trabalhando em fazendas na serra fluminense, onde se dedicaram ao plantio, cuidado e colheita do café. Esse grupo era formado em sua maioria² por imigrantes vindos em 1852 da Turíngia (turíngios) e de *Schleswig-Holstein* (eslêsvicos e holsácios), contratados por grandes latifundiários em sistema de parceria.

Uma certa “lua de mel” inicial com os proprietários dessas fazendas foi seguida por um episódio de levante dos colonos logo no primeiro ano após a chegada e, nos anos seguintes, as queixas se acumulavam de ambos os lados da relação. Após oito anos de trabalho árduo nas lavouras de café e nas plantações de sustento as dívidas contratuais foram quitadas. Depois de meses de negociações com o governo da província do Rio de Janeiro, muitas dessas famílias conseguiram se transferir o final do ano de 1860 para Santa Catarina, onde finalmente se tornaram livres e donas de pequenas propriedades rurais.

¹ Carlos Eduardo Steiner nasceu em Curitiba no ano de 1969. É médico formado pela UFPR, especializado em Genética Médica pela Unicamp, onde atualmente é professor. Também é genealogista amador com especial interesse nas colônias da região da grande Florianópolis, onde possui suas raízes catarinenses. É autor dos livros “Max. História e genealogia da família Steiner do Westerwald ao Capivari” e da série “Genealogia teuto-catarinense”, além de crônicas, capítulos de livro e textos diversos sobre genealogia, imigração alemã e história regional. Contato: carlos.steiner@bol.com.br

² Havia poucos imigrantes ou famílias oriundas de outras regiões da Alemanha, entre eles Carl Haag e Reemt Popena, do Reino de Hannover, Christian Kupas, de Brandemburgo, Wilhelm Ender do Hesse, e Johann Gercke de Mecklemburgo; também há o caso de Georg Sommer e da família Hang, originários da Renânia e vindos respectivamente em 1845 e 1846 para Petrópolis, mas que também passaram pela fazenda Independência e acompanharam os demais na vinda para Santa Catarina (STEINER, 2019a).

Em terras catarinenses os eslésvicos e holsácios se distribuíram entre as colônias Teresópolis, Santa Isabel, Itajaí (Brusque) e Blumenau, havendo ainda alguns cujo paradeiro persiste desconhecido, enquanto os turíngios permaneceram coesos e se instalaram em sua quase totalidade na colônia Santa Isabel.³ O presente capítulo aborda a trajetória desse grupo de turíngios.

Diversas informações valiosas puderam ser extraídas das correspondências encaminhadas pelos colonos turíngios aos seus familiares na Europa nos primeiros três anos de sua experiência em terras brasileiras, reproduzidas em panfletos e periódicos de caráter favoráveis à emigração para o Brasil sediados em Rudolstadt, como o *Fliegende Blätter für Auswanderer* e o *Beilage des Rudolstädter Wochenblattes* (analisados e traduzidos por ALVES, 2003), bem como no jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* (AAZ).

Tais publicações eram um contraponto a uma visão fortemente negativa e cada vez mais crescente nos Estados Germânicos sobre o sistema de parceria e a possibilidade dos imigrantes destinados para os latifúndios cafeeiros nas províncias do sudeste brasileiro se tornarem “escravos⁴ brancos”, tanto na substituição da mão de obra escrava quanto nas dívidas assumidas com os fazendeiros.

Essa visão atingiu seu ápice no natal de 1856 com o levante dos colonos em Ibicaba na província de São Paulo e resultou na investigação pelos representantes do governo suíço Jakob Christian Heusser e Johann Jakob von Tschudi sobre as condições de vida nas fazendas de parceria, este último também tendo realizado visita às colônias do Rio de Janeiro. Tal investigação resultou na publicação, em 1859, do rescrito von der Heydt que proibia, em território prussiano, a atuação dos agentes de propaganda para emigração ao Brasil, sendo logo a seguir parcialmente revogada em relação às províncias do sul.

A pergunta que se faz – e que se fez já nessa época – é se as cartas foram realmente escritas pelos colonos e se passaram pela censura dos fazendeiros brasileiros ou do próprio Günther Fröbel, editor dos referidos panfletos e periódicos (ALVES, 2003, p. 161).⁵

³ Com poucas exceções conhecidas, entre elas Carl Butters, que se instalou na colônia Teresópolis junto com a família do sogro, Jürgen Hinrich Volster (STEINER, 2019c, p. 72), e Christian Heinrich Matz com seus pais, que foram para a colônia Príncipe Dom Pedro, onde ele casou e constituiu família (STEINER, 2021b, p. 192).

⁴ A negação da condição de escravos foi recorrente nas correspondências iniciais dos colonos turíngios aos seus familiares. Essa temática desapareceu nos anos seguintes e foi retomada principalmente pelos colonos eslésvicos instalados na fazenda Independência.

⁵ O redator do AAZ comenta que a carta de MATZ (1853) traz uma informação curiosa: é possível perceber que, antes da partida, o autor combinou um código para garantir que a veracidade das informações estivesse sob seu controle, de modo que um determinado sinal apareceria no texto se ele estivesse desprovido da liberdade e estaria ausente em caso contrário; segundo o editor do AAZ, a carta chegou sem o sinal combinado. Ainda mais esperta foi a combinação de Joh. Heinr. Möller com o fabricante de Sitzendorf, de que em sua primeira carta todas as palavras que começam com d ou t deveriam, se ele tivesse motivos para esconder a verdade, ser escritas com t por toda parte, mas ao contrário, com d por toda parte. Nessa correspondência todas as palavras estavam escritas com d. (Ressalta-se, novamente, que essa é a versão do editor e não se pode comprovar a veracidade das informações).

O sistema de parceria

Após uma longa pausa na imigração alemã para o Brasil, marcada pelo término do primeiro reinado, na segunda metade da década de 1840 ocorreu o início da retomada da imigração estrangeira em nosso país a partir de uma série de medidas, leis e decretos que favoreceram o estabelecimento de novas colônias e a isenção de impostos para navios que transportassem colonos europeus, destinados para as diversas províncias que os receberiam (TAYLOR, 2017).

Por outro lado, essa nova fase imigratória foi marcada por uma acentuação na divisão de interesses entre o governo imperial, que pretendia promover a ocupação das províncias do sul do país baseada em pequenas propriedades rurais, e a aristocracia latifundiária das províncias no sudeste, desejosa por reposição de mão de obra nas fazendas de café, o carro chefe da economia brasileira.

Foi nesse cenário que ocorreu o início da experiência das colônias de parceria em São Paulo pelo Senador Vergueiro.⁶ O sistema ou contrato de parceria previa um regime de imigração subvencionada, financiando as despesas iniciais de transporte e hospedagem dos imigrantes em troca de dívida em trabalho por um período de poucos anos,⁷ geralmente três a quatro. Para o Brasil essa forma de contrato propunha uma solução para ambas as partes: de um lado os grandes fazendeiros, que precisavam manter a rotina em suas propriedades diante da escassez crescente da mão de obra escrava; de outro os imigrantes, que fugiam da miséria através da imigração para o novo mundo, com a vantagem de não precisarem desembolsar de imediato as despesas de viagem. Entre eles o governo imperial que, pressionado pela elite latifundiária, via a oportunidade de resolver problemas econômicos e apaziguar a demanda inglesa pelo fim do tráfico negreiro.

Em 1847 chegavam os primeiros suíços e alemães para trabalhar na fazenda Ibicaba. O sucesso inicial do sistema de parceria foi adotado por outros fazendeiros na província de São Paulo e resultou na criação de colônias semelhantes nos arredores de Limeira, Cosmópolis, Rio Claro, Piracicaba e Campinas. Seguindo o exemplo do senador Vergueiro, e usando o modelo de seu contrato, foram estabelecidas colônias de parceria na região cafeeira fluminense, tanto no litoral quanto na serra próxima à divisa com Minas Gerais.

⁶ Importante lembrar que o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, português de nascimento, fez parte da Regência Trina provisória (1830-1831), ocupou a pasta da Fazenda (1832) e assumiu a pasta do Império até 1833, em cargo equivalente ao de primeiro-ministro. Manteve outros cargos públicos nesse meio tempo e foi novamente Ministro do Império em 1847. Além disso, era proprietário de uma imensa propriedade rural que se estendia de Piracicaba a Araraquara – tão populosa e dotada de poder econômico que houve até circulação de moeda própria.

⁷ Além do Brasil, a Austrália adotou uma forma de contrato de parceria para incentivar a vinda de colonos germânicos; basta lembrar que a distância com a Europa aumentava o tempo de viagem e consequentemente o desconforto e as despesas no transporte por veleiros em comparação à viagem para as Américas (mais do que o dobro em relação à América do Sul e de seis a oito vezes mais que para Nova Iorque, Boston ou Quebec, que nessa época já dispunham de rotas regulares em navios a vapor), o que resultava em maior preço das passagens, tornando a Oceania um destino pouco atrativo.

Entre os que adotaram esse modelo encontrava-se Estevão Ribeiro de Resende, Marquês de Valença, dono da fazenda das Coroas, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, o Barão de Baependi, da fazenda Santa Rosa, seu sobrinho, Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, e o cunhado deste, Brás Carneiro Bellens, proprietários respectivamente das fazendas Independência e Santa Justa (fig. 1) (STEINER, 2019a, p. 36).

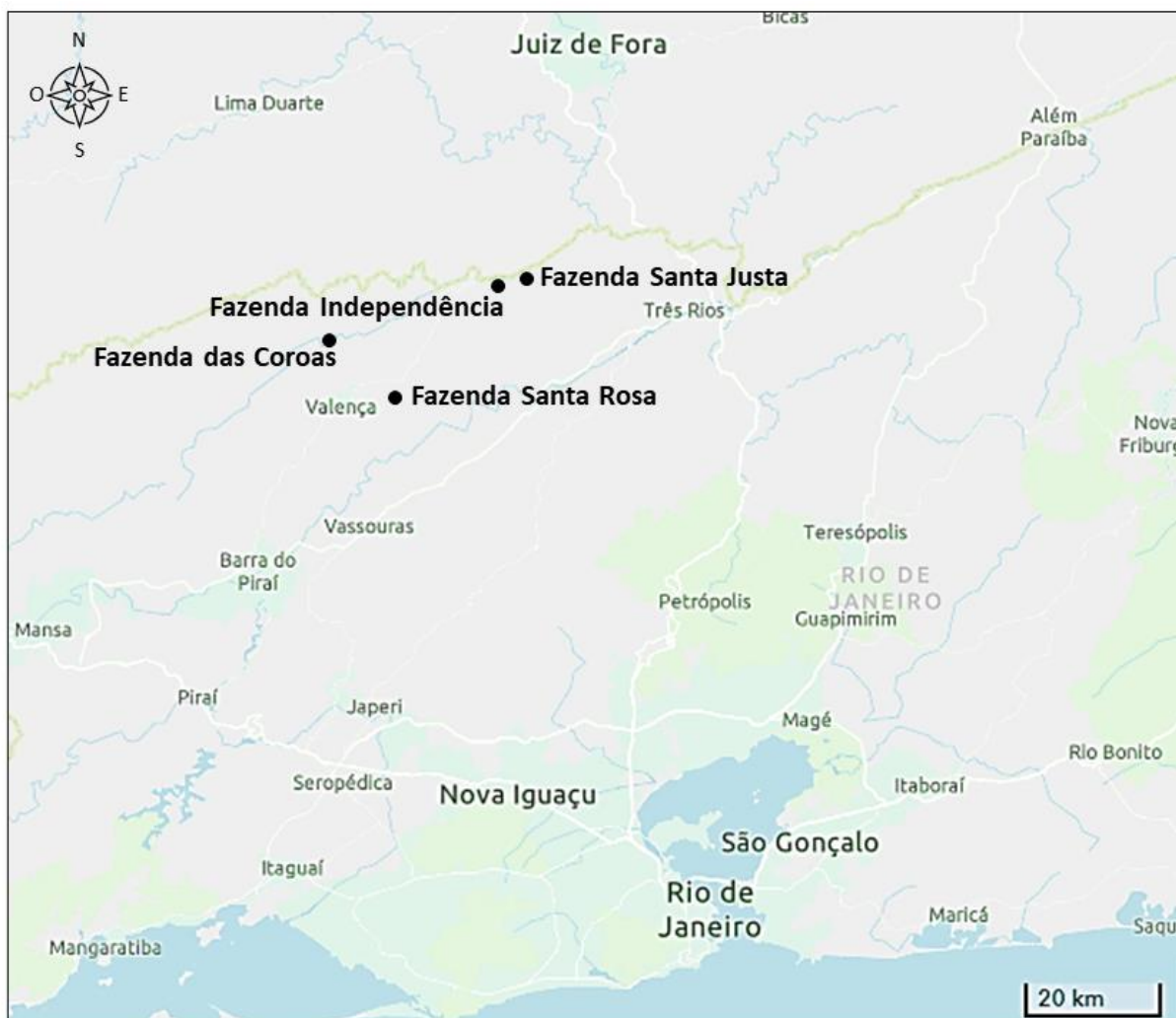


Fig. 1: Localização das quatro fazendas de parceria na serra fluminense.

Adaptado de <http://mapmaker.nationalgeographic.org>

Em 1852 as quatro propriedades, juntas, receberam 680 colonos, sendo que para as fazendas das Coroas e Independência se destinaram os eslavos vindos pelos navios Colonist e Princess Louise, enquanto para Santa Rosa e Santa Justa seguiram os turíngios, chegados nos navios Catharina e Lorenz (FERRAZ, 1852, p. 50-51; STEINER, 2019a, p. 37).

As origens

Enquanto o Brasil vivia o início da retomada da imigração estrangeira a partir de 1845/46 e das primeiras experiências com os contratos de parceria em 1847 em Ibicaba, nos países germânicos começavam as revoluções de 1848, um conjunto de protestos populares de caráter nacionalista ocorridos na Alemanha e no Império Austríaco que acirravam a tensão social no velho continente e que resultariam, nos anos seguintes, em um aumento da corrente emigratória.

Em muitas regiões da Alemanha o proletariado era constituído por agricultores familiares ou por artífices, como alfaiates, sapateiros, carpinteiros ou tecelões, entre outros, além de trabalhadores assalariados diários. O mesmo ocorreu nos principados de Schwarzburg-Sondershausen e Schwarzburg-Rudolstadt, atualmente no estado da Turíngia, de onde procediam esses colonos instalados nas fazendas cafeeiras do Rio de Janeiro.⁸

O principal grupo de imigrantes (47% das famílias) era formado por moradores do vilarejo de Böhlen (fig. 2), onde praticamente cada casa possuía um tear, com seus moradores trabalhando na produção local de tecidos (VOIGT *et al.*, 2020, p. 61).

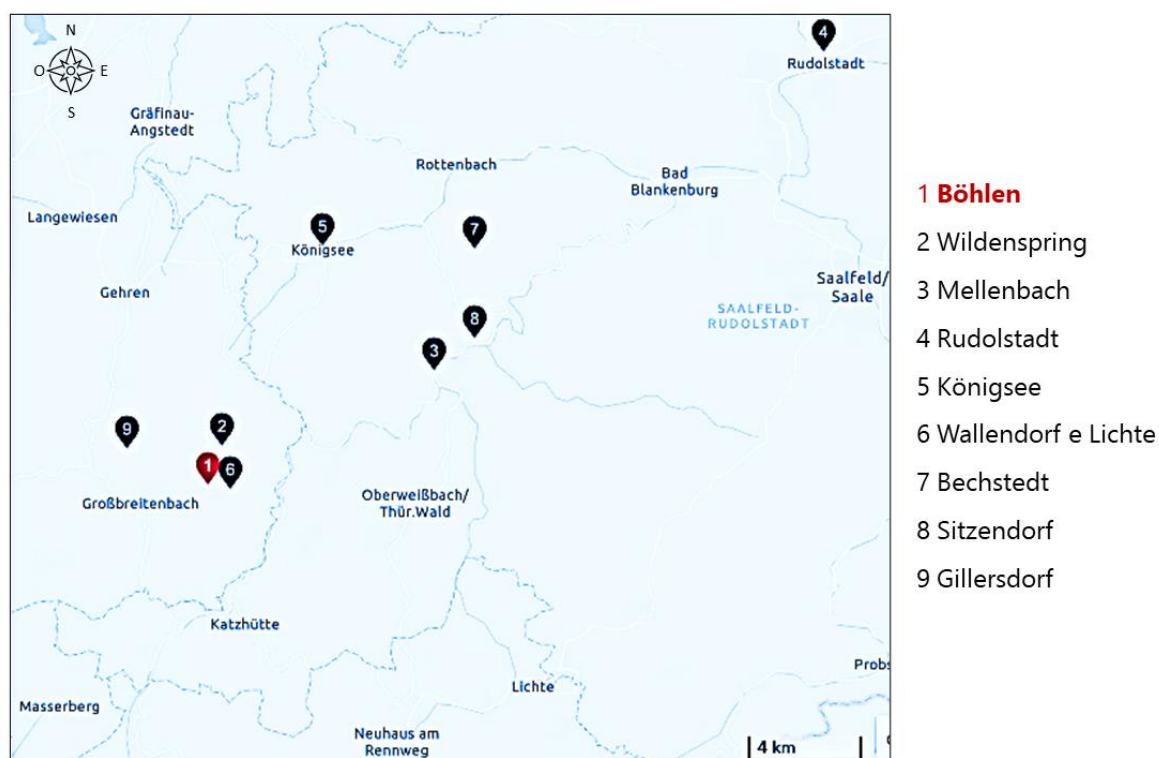


Fig. 2: Os nove principais locais de origem dos imigrantes turíngios, com destaque para Böhlen.

Adaptado de <http://mapmaker.nationalgeographic.org>

⁸ Além das famílias vindas para o Rio de Janeiro, há diversos imigrantes procedentes de outras localidades na Turíngia imigrados na década de 1850 para as colônias de parceria no estado de São Paulo, incluindo alguns originários de Böhlen (THÜRINGISCHES STAATSARCHIV RUDOLSTADT, s/d).

A situação social era especialmente complicada em Böhlen, onde protestos ocorriam desde 1840 e perduraram por muitos anos, incluindo a necessidade do uso de força militar para conter uma pequena revolução em 1851. Tais tumultos culminaram com a deportação forçada de um grupo de 154 pessoas no dia 8 de março de 1852. Um representante da comunidade foi encarregado de acompanhar o grupo na viagem de quatro dias até Hamburgo e se certificar do embarque nos navios que os transportariam para o Brasil. Durante a partida, os deportados gritavam aos representantes da comunidade “seus vendedores de alma!” (STEINER, 2019a, p. 110; VOIGT *et al.*, 2020, p. 64-66).

Ainda relacionados à cidade de Grossbreitenbach, além de Böhlen vieram diversas famílias de Wildenspring e Gillersdorf. Outras localidades relevantes de origem desses imigrantes foram Mellenbach e Oberweissbach em Schwarzatal, seguidas por Königsee, Sitzendorf, Bechstedt e a própria Rudolstadt, sede dos periódicos de propaganda favoráveis à emigração para o Brasil no século XIX.

A viagem para o Brasil

Quatro navios partiram de Hamburgo para o Rio de Janeiro no intervalo de 15 dias entre o final de fevereiro e meados de março de 1852, levando os futuros colonos angariados para as fazendas na região serrana do Rio de Janeiro. Os dois primeiros transportaram imigrantes procedentes de *Schleswig*, embarcados no dia 25 de fevereiro no navio *Colonist* e aos 10 de março no navio *Princess Louise*. No dia seguinte, os turíngios embarcaram nos navios *Catharina*, sob comando do capitão Lubau, (tabela 1), e *Lorenz*, do capitão L. Saabye (tabela 2). Esses dois últimos, *Catharina* e *Lorenz*, partiram no mesmo dia (fig. 3) e chegaram na mesma data (17 de maio), após 65 dias de viagem.

Name d. Schiffes.	Wohin?	Datum d. Abgangs.
<i>Catharina</i> (Fulda) Capt. Lubau	<i>Rio de Janeiro</i> <i>Brasilien</i>	<i>11 März</i> <i>V</i>
Name d. Schiffes.	Wohin?	Datum d. Abgangs.
<i>Lorenz</i> Capt. L. Saabye	<i>Rio de Janeiro</i> (<i>Brasilien</i>)	<i>11 März</i> (6)

Fig. 3: Cabeçalho das listas de passageiros dos dois navios. Fonte: *Staatsarchiv Hamburg*.

Apesar dessa divisão clara entre a origem dos passageiros nas quatro embarcações, duas famílias da Turíngia vieram no navio Princess Louise, embora não constem na relação disponibilizada pelo *Staatsarchiv Hamburg*: Friedrich Rossbach e Johann Friedrich Adam Butters. Ambas se instalaram na fazenda Independência, junto com os demais passageiros procedentes de *Schleswig*. Em carta relatando sua viagem, BUTTERS (1852) menciona que

Partimos aos 11.03. de Hamburgo e após 56 dias chegamos em nosso destino. (...) para mim e para Rossbach foi desagradável que nossa viagem tenha sido na companhia de holsácios (sic) barulhentos, que não conseguiam nos compreender, e que nos tomaram por católicos e por isso nos tratavam de forma hostil.

Tabela 1: Lista de passageiros do navio Catharina (fonte: *Staatsarchiv Hamburg*).

Passageiro(s)	Procedência
BAUER, Christian	Böhlen
BAUER, G. N. W. com esposa e quatro filhos entre 5 e 22 anos	"
BERGMANN, Heinrich, 35 anos	"
BRATFISCH, F. F. com esposa e seis filhos entre ½ e 21 anos	"
EBERT, Carl	"
EBERT, G. H. A. F., com esposa e Georg, 41 anos	"
EHRHARDT, J. G. com esposa e cinco filhos entre 5 e 23 anos	"
FISCHER, NN	"
GEHRING, J. H. N. F. com esposa e seis filhos entre ¾ e 16 anos	"
GROSSMANN, Theodor	"
GÜNZLER, Detlef	"
HENKLEIN, Heinr. C. com esposa e filhos menores de 10 anos	"
JACOBI, Raimund	"
KNAUER, Christian	"
KÖHLER, Georg J. com esposa e seis filhos entre 1 e 16 anos	"
KÜHN, G. Friedrich Wilhelm com esposa e o filho Carl	"
MÄNNCHEN, H. J. C. com esposa e seis filhos entre 1 e 17 anos	"
METZGER, C. W. com esposa e quatro filhos entre 9 e 20 anos	"
MORGENROTH, Chris. com esposa e dois filhos de 2 e 7 anos	"
MORGENROTH, Joh.	"
MÖLLER, Christ.	"
REISSE, Carl com uma criança de ½ ano	"
SAAR, Peter com esposa e sete filhos entre 5 e 20 anos	"
SCHNEIDER, Heinr.?	"
SCHNEIDER, J. C. W. com esposa e três filhos entre ½ e 11 anos	"
SEIDLER, Regina	"
SIGMUND, Johann	"
WENZEL, Joh. com esposa e quatro filhos entre 7 e 20 anos	"
WERLICH, Gustav (filho adotivo de Peter Saar) ⁹	"
WERLICH, Elisabeth	"

⁹ Conforme WERLICH (1853).

Tabela 2: Lista de passageiros do navio Lorenz (fonte: *Staatsarchiv Hamburg*).

Passageiro(s)	Procedência
APPELFELLER, Joh. Friedr. com esposa e quatro filhos entre ½ e 16 anos	Deesbach
ARNOLD, Wilhelm	Wildenspring
BERGMANN, M. C. com esposa e cinco filhos entre 5 e 22 anos	"
BERGNER, Friedrich com Friederika	Böhlen
BEHRINGER, Joh. Wilh. com cinco filhos entre 7 e 21 anos	Wallichen
BEYER, Marianne com os filhos Ottilie e Louis	Böhlen
BOCK, J. Georg com esposa	Mellenbach
BOURDOT, Friedrich com esposa e sete filhos entre 2 e 17 anos	Rudolstadt
viúva BRÖDEL, Margarethe* com quatro filhos entre 6 e 16 anos	Wallendorf
EBERHARDT, J. L. F.	Oberweissbach
ENDTER, (ilegível) com esposa e quatro filhos entre 8 e 15 anos	Auwallenburg
FRANKE, Friedrich com esposa e um filho de 3 anos	Bechstedt
GÄHLER, Wilhelm	Wildenspring
HARRAS, Hans Nic. com (ilegível – noiva e os filhos dela?)*	Böhlen
viúva HENKEL, Christiane Barb. com filha de 3 anos e a mãe de 54 anos*	Mellenbach
HESSE, Joh. Wilh. com esposa e dois filhos de 6 e 18 anos	Königsee
viúva HETZER, Johanne Wilhelmine* com quatro filhos entre 10 e 16 anos	Rudolstadt
HORN, Caroline	Oelze
KAISER, J. N. com esposa e sete filhos entre 4 e 18 anos	Bechstedt
KLETT, Christ.	Wildenspring
LUTZ, Christ. H. Andr. com esposa e cinco filhos entre 4 e 15 anos	Königsee
LUTZ, Friedr. Nicol. com esposa e seis filhos entre 10 e 26 anos	Gillersdorf
"MATTHES" (MATZ), Joh. C. com esposa e dois filhos de 8 anos	Mellenbach
MICHEL, Friedr. Carl com esposa e três filhos entre 1 ½ e 9 anos**	Rudolstadt
MÖLLER, Cristian com Adolf e Emilie, de 6 e 16 anos	Wildenspring
MÖLLER, Joh. Heinr. com esposa e dois filhos de 3 e 7 anos	Sitzendorf
NEUBAUER, Georg Nicol com esposa e quatro filhos entre 2 ½ e 12 anos	Wildenspring
PRÖSCHOLD, G. P. com esposa e quatro (?) filhos entre 2 ½ e 12 anos	Lichte bei Wallendorf
RÄDER, J. C. L. com esposa e uma criança de ½ ano	Königsee
REINHARD, J. C. G. com esposa e uma criança de 6 anos	Dornburg
REISE, Ch. Heinr. com esposa e cinco filhos entre 2 e 16 anos	Wildenspring
RICHTER, Adelheid, 18 anos, com Moritz, 13 anos	Berlim
SCHIFFLER, J. A. H. com esposa e seis filhos entre 5 e 17 anos	Dornburg
SCHIRMER, J. M. com esposa e três filhos entre 8 e 29 anos	Wildenspring
SCHMIDT, J. G. L. com esposa e dois filhos de 8 e 9 anos, além do irmão	Oelze
SCHNEIDER, J. G. C. com esposa e três filhos entre 5 e 15 anos	Ludwigsstadt
SEIDLER, H. J. com esposa e quatro filhos entre 10 e 22 anos	Böhlen
SPERBER, Joh. Jac. com esposa e o irmão Johann	Mellenbach
SPERBER, Joh. Lor. com três filhos entre 7 e 16 anos	"
STIEFE, Friederike	Gräfinau
STRAUBEL, J. C. H. com esposa e quatro filhos entre 7 e 20 anos	Rudolstadt
TRUPPEL, J. H. com esposa e quatro filhos entre 5 e 15 anos	Schwarza
UHLMANN, J. F. com esposa e sete filhos entre 2 e 22 anos	Böhlen
WINKLER, Johann Friedrich Christian Friedrich com família	Ruppersdorf
WINTER, Chr. Nic. com esposa e criança de 12 anos	Sitzendorf

* THÜRINGISCHES AUSWANDERERDATENBANK (s/d).

** não consta na relação original, mas viajou nessa embarcação, conforme carta de WINKLER (1854) na qual relata o falecimento de "um filho do Michel de Rudolstadt".

No relatório do vice-presidente ao governo da Província do Rio de Janeiro consta que durante a viagem do navio Catharina faleceram quatro crianças, sendo uma menor de um ano e três menores de dois anos; não houve nenhum nascimento. Quanto ao Lorenz, faleceram durante a viagem quatro crianças, sendo uma menor de um ano, duas menores de dois anos e uma menor de oito anos, tendo ocorrido, ainda, três nascimentos (FERRAZ, 1852, p. 50).

Embora não haja lista de desembarque no Brasil, nem anotações acessíveis sobre tais acontecimentos a bordo, parte da relação dos falecimentos pode ser reconstituída pelos relatos desses passageiros aos seus parentes e amigos na Alemanha, em cartas reproduzidas posteriormente pelo jornal AAZ.

Trechos dessas cartas foram utilizados para detalhar não apenas as condições da viagem, mas a instalação nas colônias e o cotidiano dos imigrantes nessas fazendas. As passagens consideradas mais informativas foram selecionadas para compor o presente artigo e são destacadas nas páginas seguintes.

Assim, no navio Catharina é possível saber que um dos falecimentos foi o da filha caçula de Christian Peter SAAR (1853), pois ele relatou que

A viagem para nós foi pesarosa como para outros, porque perdemos nossa pequena Erwine. Mesmo a viagem terrestre foi perigosa para Lucinde devido à sua gestação avançada. Mas o proprietário da fazenda, que veio até nós no Rio de Janeiro, facilitou o quanto pode; como não podia cavalgar, Lucinde foi transportada por duas mulas em uma carroça e acompanhada por um negro.

Nessa mesma viagem, além dos falecimentos houve registro de um grave acidente com a esposa de Wilhelm KÜHN (1853):

Graças a Deus minha esposa agora está bem e disposta; durante a viagem ela caiu do convés ao porão, batendo com a cabeça num barril porque um marinheiro tirou a escada de lugar, e ficou tão doente que era impossível imaginá-la novamente bem. Mas agora ela está fora de perigo, embora lhe falte ainda plena saúde.

A relação dos falecidos no navio Lorenz pode ser reconstruída pelos nomes e datas detalhadas na carta enviada por Georg SCHNEIDER (1853):

Durante a viagem tivemos as seguintes perdas: aos 5 de abril faleceu a criança caçula de Friedrich Michel de Rudolstadt, no dia 23 a de Peter Pröschild, em 4 de maio uma de Friedrich Winkler de Ruppertsdorf, no dia 7 uma dos Appelfeller e no dia 15 um rapaz de Rudolstadt escaldou a cabeça. Na noite anterior tivemos o piso perfurado por um outro navio porque o vigia havia adormecido.

SCHNEIDER (1853) também informou que os batizados a bordo foram realizados por Heinrich Möller. Este, em relato comovente ao prefeito de Sitzendorf, descreveu a alegria do nascimento de sua filha durante a viagem (MÖLLER, 1853):

(...) minha esposa deu à luz durante a viagem e permaneceu em uma cabine como uma parturiente nobre. Todos os passageiros se admiraram com esse favor extraordinário. Após passarmos por uma pequena tempestade, que fez com que nossos utensílios de lata tocassem como uma banda, o batizado ocorreu no dia 25 de abril. O capitão fez um discurso tão vigoroso que todos foram às lágrimas. A criança recebeu o nome do navio: Lorenzine. Então o capitão deu uma festa batismal na cabine, como nunca tinha sido vista antes por nenhum de nós, e tudo isso nada me custou além de um sincero agradecimento.

Para outros passageiros, a viagem do navio Catharina foi descrita como agradável, como escreveu Christian Heinrich REISE (1853):

(...) Mas perigosa ela não é; sob a linha do equador houve dança e encenação de comédias, e nenhum pedaço do navio foi molhado, como dizem em casa: sob a linha do equador muitos foram dormir.

Impressão semelhante foi registrada em relação à viagem do navio Lorenz, como escreveu de Santa Justa o colono Christian MATZ (1853):

A viagem para o sul não foi, de longe, tão ruim quanto havíamos pensado. No Canal (da Mancha) enfrentamos tempestade por algumas noites, de modo que nas entrecobertas alguns caixotes viraram; porém quanto mais ao sul, mais tranquilo o mar se tornou. Enfrentamos calmaria por 21 dias, perto do equador permanecemos sete dias consecutivos imóveis e nos dias mais quentes sob calor entre 30 e 34°.

Outros detalhes da viagem do navio Lorenz foram fornecidos por WINKLER (1854):

Zarpamos de Cuxhaven no dia 13 de março de 1852 e já no dia 20 estávamos no mar do norte espanhol, que é notório por ser traiçoeiro e que também não nos deixou ilesos. No dia 4 de abril (domingo de ramos) chegamos à ilha da Madeira e no dia 8 na ilha Canária. No dia 5 de abril ocorreu o primeiro falecimento, o de um filho de Michel de Rudolstadt. No dia 29 encontramos um navio de Hamburgo, no dia 30 observamos o espetáculo de um arco-íris lunar de todas as cores e no dia 17 de maio chegamos ao Rio de Janeiro.

Após oito semanas chegaram ao destino, porém devido a uma epidemia de febre amarela na cidade Rio de Janeiro, o desembarque foi transferido para o porto da Estrela, na foz do rio de mesmo nome e localizado atualmente no município vizinho de Magé, bem como a permanência foi encurtada para que tomassem logo rumo à serra, assim que

suas bagagens fossem removidas e acomodadas em mulas, conforme relato de BUTTERS (1852):

Permanecemos dois dias no porto do Rio de Janeiro até que um barco a vapor nos transportou por três horas até o porto da Estrela, para que evitássemos contato com a febre amarela na capital. Nesse atracadouro encontramos mulas, carroças e vestuário que esperavam por nós há seis dias, preparados por nosso Senhorio para nos receber com alegria. Os chefes de família foram presenteados com tabaco e aguardente, as garotas com brincos de ouro. Nosso senhorio mandou dizer através de um tradutor que ele havia lido os avisos prussianos, mas que no Brasil também moravam pessoas de bom coração!

Ainda em relação ao desembarque, prosseguiu WINKLER (1854):

Primeiro subiram no navio os funcionários alfandegários para nos inspecionar, depois também muitos cavalheiros perguntando sobre os trabalhadores alemães; porque os alemães são muito respeitados aqui, onde há escassez de mão de obra. Um barco a vapor nos transportou adiante até o porto da Estrela. Foi com grande alegria que pisamos novamente em terra firme, vocês podem imaginar! As longas dificuldades foram logo esquecidas. Nossos guias já estavam nos esperando e marchamos mais duas horas naquele dia, então tivemos dois dias de descanso em uma grande propriedade rural. Depois seguimos até Petrópolis, uma cidade belamente planejada com ruas largas, onde o Imperador tem seu palácio de verão e onde moram muitos alemães. Finalmente no dia 27 de maio chegamos ao nosso novo lar.

Toda a subida da serra durou oito dias e foi realizada em caminhos precários, sem calçamento, na maioria dos casos a pé ou com o auxílio de mulas para transporte de cargas, de pessoas doentes e das crianças pequenas. Apesar desse cenário, o trajeto foi descrito como festivo, conforme palavras de REISE (1853):

Já no desembarque fomos bem recebidos e hospedados, e os oito dias de viagem até a colônia foram alegres. Meu sogro, Köhler, e Beiersdorf precisaram tomar muletas todas as noites e aquele que não conseguia caminhar recebeu um cavalo ou uma mula para montar.

Durante a passagem por Petrópolis os imigrantes foram bem recebidos, conforme descreveu BUTTERS (1852) que seguiu informando que

Depois de três dias de descanso nos colocamos a caminho e chegamos à cidade alemã de Petrópolis; lá fomos presenteados por agricultores com comida e bebida refrescante; todos garantiram que nosso futuro seria afortunado. Dessa cidade até a nossa colônia ainda não há estrada, e o caminho só pode ser feito em mulas.

Primeiras impressões

As impressões iniciais, ao menos nas fazendas Santa Justa e Santa Rosa, e a despeito dos informes de doenças, foram bastante positivas, diferente do que viria a acontecer nos anos seguintes com os colonos estabelecidos na fazenda Independência, confirmando o mal tratamento e a má conduta dos administradores rurais, e que se tornaria conhecido somente por relatos tardios, como os de Johann Kühl e de J. J. von Tschudi.

Sobre os primeiros dias na fazenda Santa Rosa, descreveu Christian Heinrich REISE (1853):

Quando chegamos em nosso destino, apenas sete casas estavam prontas, enquanto em outra (fazenda) ainda vão começar a construir. As moradias já estavam totalmente equipadas e descansamos por oito dias. Depois fomos instruídos sobre os cafezais e cada pessoa acima de 12 anos ficou responsável por 500 unidades.

Complementou Wilhelm KÜHN (1853) sobre Santa Rosa:

Das 7 casas prontas na colônia eu recebi por sorteio a de número 2, Metzger a de n.º 1 e Gehring a de n.º 3. Um ou outro precisou no início acomodar outra família consigo; eu recebi os Bratfisch, os quais até o momento ainda moram comigo.

Em Santa Justa também houve necessidade de compartilhar as moradias, como foi o caso da viúva Hetzer com a família de Friedrich Appelfeller (HETZER, 1853).¹⁰

Santa Justa parece ter sido a fazenda mais bem-preparada e para a qual foram registradas impressões iniciais bastante positivas, como as de Johann Christoph Gottlieb REINHARDT (1853) e sua esposa:

Querida mãe! Desde que saímos da Alemanha não passamos um dia ou noite sem pensar em você. Não podemos mais conversar pessoalmente, mas escrevemos a pura verdade. A decisão de ir para o Brasil foi realmente difícil para nós, mas assim como é verdadeiro que Deus vive, não nos arrependemos. Nossa alegria na chegada ao Rio de Janeiro foi indescritível. Assim que chegamos na colônia, encontramos quase todas as acomodações prontas e não foi preciso sequer nos preocuparmos com suprimentos. Um quilo de café, o mesmo tanto de açúcar, dois quilos de toucinho, dois de carne, arroz, feijão, farinha, aquilo que na Alemanha mal daria para um mês, aqui recebo semanalmente.

¹⁰ A carta da viúva Hetzer, publicada no AAZ, foi complementada pelo testemunho do administrador da fazenda, Sr. G. A. Schmidt, informando que desde sua chegada ela "tem feito continuamente uma colheita proveitosa, adequada e exemplar do café, que já totalizou mais de 400 alqueires".

Logo após a instalação dos colonos, o capitão do navio Lorenz esteve em visita às fazendas Independência, Santa Rosa e Santa Justa e escreveu uma carta com data de 12/06/1852 do Rio de Janeiro a M. Valentin em Hamburgo (SAABYE, 1852), responsável pela empresa de transporte marítimo, na qual relatou que

As três fazendas, Santa Justa, Independência e Santa Rosa, onde estive, ficam aproximadamente uma hora a cavalo uma da outra e a três dias de viagem do Rio de Janeiro. Particularmente me agradou Santa Justa, cujo proprietário, Sr. Bellens, que se encontrava pessoalmente lá, me recebeu para uma estada amistosa; como ele falava inglês, conseguimos nos comunicar muito bem. Cheguei no fim da tarde e encontrei todos os meus passageiros turíngios em plena dança na casa do proprietário. Para a festividade de Pentecostes havia decorado os prédios residenciais com coroas e louros; e todos estavam felizes, se divertiam e me diziam que, mesmo se tivessem passagens gratuitas para voltar para casa, não retornariam. Somente no segundo dia de Pentecostes começaram a fazer suas obrigações domésticas, pois desde 17 de maio até aquele momento haviam sido alimentados às custas do Sr. Bellens, além de não arcarem com os custos de transporte do Rio até a colônia. Até o momento estão morando em casas temporárias; mais tarde cada família irá receber uma casa com quatro cômodos, pintada e com telhado, bem como tanto terreno quanto for necessário para plantarem o quanto puderem e desejarem.

Entretanto não houve apenas festa no início da vida dos colonos nas fazendas, pois muitos chegaram doentes. Christian Matz relatou que pouco depois da chegada em Santa Justa pegou malária, a qual acometeu diversos dos recém-chegados (MATZ, 1853).

Complementou WINKLER (1854), também de Santa Justa, que até que todas as casas estivessem prontas, a aglomeração facilitou a difusão de doenças e que em pouco tempo faleceram 38 pessoas.¹¹

Um dos falecimentos em Santa Justa foi o do filho de Georg Nicol NEUBAUER (1853):

A alegria da nossa viagem e dos companheiros de destino sobre a feliz chegada no lugar de nossa finalidade foi obscurecida por nosso Julius, que ficou gravemente enfermo. O proprietário da fazenda e sua esposa providenciaram uma acomodação para poder cuidar da criança, e um negro precisou carregá-lo nos braços para o quarto, onde recebeu todo tipo de medicamentos e tratamento. Embora tenha abrandado um pouco, a doença acabou levando-o à morte no dia 23 de junho. A bondade da madame Bellens ainda foi tanta que ela providenciou uma fina mortalha para vestir na criança e o enfeitou com flores. Dificilmente na Alemanha uma senhora tão rica e distinta se dignaria a tanto.

¹¹ O número não corresponde ao relatório oficial publicado no ano seguinte, que apontou 16 óbitos em Santa Justa e três em Santa Rosa, sendo nessa última de um solteiro, de 26 anos de idade, que já desembarcou afetado por tuberculose pulmonar, outro de 12 anos, e uma recém-nascida (FERRAZ, 1853, p. 44-46). A documentação consultada não detalha o nome dessas pessoas falecidas.

Ainda a esse respeito escreveu Wilhelm KÜHN (1855):

Especialmente como um recém-chegado você tem que lidar com grandes males aqui; primeiro o clima desconhecido e o modo de vida desconhecido causam uma grande impressão, depois uma espécie de verme, as "pulgas da areia" (bicho-de-pé), que comem despercebidas nos pés, muitas noites sem dormir.

É importante esclarecer que as fazendas dispunham de certa estrutura em termos de assistência médica e farmacêutica. Em relação à fazenda Santa Rosa, mencionou SAAR (1853) que:

Aqui vocês podem ver que somos bem tratados. Se alguém fica doente, um médico está rapidamente disponível com um tradutor. Na ausência do médico, há também um farmacêutico treinado que atua como enfermeiro e não é uma pessoa ruim, embora isso nos parecesse errado no início.

Carl August REISE (1855) registrou a dedicação dos proprietários da fazenda Santa Rosa nos momentos de doença:

Pouco depois de minha carta anterior ter sido enviada, minha esposa e seu filho pequeno ficaram tão doentes que tive que temer o pior. Mas quando me senti totalmente desolado e desamparado, o Todo-Amado enviou Seus anjos. Nossa boa vontade salvou as duas vidas. A filha do Senhor Conde, madrinha de nossa filha, levou a paciente para o aposento dela, a atendeu e cuidou, arranhou uma ama de leite e chamou o médico quantas vezes fosse necessário. Ela teve que continuar assim por nove semanas, até que minha esposa recuperasse suas forças através da boa comida. O pequeno ficou mais tempo com ela e até foi levado em viagens, pelo que ficamos bastante maravilhados quando, após 6 meses de ausência, ele conseguia andar e falar algumas palavras em português.

A dedicação dos proprietários da fazenda Santa Rosa se estendeu também à outra família Reise, como descrito por Christian Heinrich REISE (1853):

Preciso lembrá-los que temos um bravo menino, agora com 19 semanas, e está tão grande e forte quanto o pequeno Erwin. A filha do proprietário, de nome Francisca, e o administrador Lucas são os padrinhos. O batizado me custou apenas alguns centavos, e recebi de presente um porco gordo e tudo o que era necessário. O mesmo ocorreu com meu cunhado Karl. Os batizados foram tão enfeitados na sala de estar do proprietário que ficamos bastante consternados com a honra que nos foi feita. Nosso menino recebeu o nome de Francisco. Tamanha honra nunca teria acontecido na Alemanha, e quando as crianças começarem a andar nós cuidaremos delas; mesmo agora os padrinhos não sabem o que fazer com eles.

Os recém-chegados também descreveram a beleza dos vales e paisagens montanhosas da serra fluminense, o clima ameno, a fertilidade do solo e a variedade dos gêneros alimentares, bem como a fartura e a diferença no estilo da alimentação, baseada em arroz, feijão, carne seca, mandioca e o pão de milho, descrito como “escuro e rústico”.

Ainda em relação ao clima ameno, da colônia Santa Justa, com data de 24/06/1852, SCHNEIDER (1853) relatou que

Estamos agora no meio do inverno, porém podemos andar com pés descalços e de ceroulas. (...) Ainda há pepinos, repolho, feijão, alface e batatas frescas, embora não cresçam durante o inverno. Aqui há de tudo, como na Alemanha; contudo adquiri apenas boas galinhas porque não estamos totalmente acomodados.

A melhor descrição quanto ao choque cultural com o novo país foi registrada nas sábias palavras de Christian Peter SAAR (1853), que bem resumem o *Zeitgeist*:

Quando se chega a uma terra na qual não se conhece nem a língua, nem os hábitos e costumes, enfim, nada, é fácil ter ideias errôneas e inconscientemente relatar inverdades.

A insurreição de 1853

Sete meses após a chegada ocorreu o primeiro grande incidente entre colonos e proprietários. O episódio aconteceu na fazenda Santa Rosa e foi registrado com versões levemente divergentes por ambas as partes.

A versão dos colonos foi detalhada na carta de Carl August Reise, datada de 27/03/1854 (REISE, 1855). Nela, o autor contou que no dia 26 de fevereiro de 1853 chegou à fazenda um alemão de nome Homann (*sic*), natural de Halle, se dizendo conhecedor do Brasil e tentando aliciar alguns colonos para trabalharem em outro lugar, com promessa de ganharem mais, conquistando a atenção de Heinrich Bergmann, Pauline Metzger e U. Schneider. Outros, porém, denunciaram a tentativa ao administrador da fazenda, que logo compareceu com um grupo de funcionários para prender o tal aliciador. Alguns colonos se opuseram e tentaram defender o visitante, recuando diante das ameaças do administrador. O pai de C. A. Reise, que conheceu o visitante dias antes e sabia que ele era um fanfarrão, empunhou uma espingarda para defendê-lo e aí a confusão saiu do controle.

Na versão dos fazendeiros, oficializada nos autos da comarca de Vassouras e reproduzida em jornal da capital,¹² o alemão era de nome Hoffmann, marceneiro de profissão, e empregado na casa de José Joaquim da Costa Lima, fazendeiro no distrito de Santa

¹² CORRESPONDÊNCIA do Diário. Comarca de Vassouras. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 10 abril 1853. Interior. Vol. 32, n.º 97, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pagfis=38308. Acesso em: 29 set 2022.

Bárbara em Rio Preto, na província de Minas Gerais. O inspetor, tendo tomado conhecimento da conversa e da estada do visitante sem autorização na colônia, pediu seu passaporte e título de residência e, como não foi atendido, o intimou a sair da propriedade no prazo de duas horas. Passado esse tempo, e sabendo que não havia sido atendido, foi ao seu encontro para dar voz de prisão e conduzi-lo à presença do subdelegado, mas ele não apenas desobedeceu ao inspetor, como tentou feri-lo com um canivete, com o qual lhe desferiu uma estocada e outra no empregado que acompanhava o inspetor.

A seguir, Hoffmann se dirigiu apressado para as habitações dos colonos, gritando por eles e pedindo ajuda. Foi então que o alemão Saar, acompanhado de outros colonos e armado com uma espingarda, vindo com outros igualmente armados, correu em direção ao visitante e disse ao inspetor que "soltasse o preso sem demora, porque estava sob sua proteção". Nesse tempo chegou outro empregado da fazenda, investindo contra os colonos. Saar voltou a insistir que "o estrangeiro ainda estava na colônia e debaixo de sua proteção, e que ali se demoraria o tempo que quisesse", proferindo insultos e ameaças ao inspetor.

No dia seguinte, pela manhã, Hoffmann saiu escoltado por muitos colonos que o acompanharam até uma légua de distância, retornando todos à exceção de um de nome Metzcher (Metzger), que seguiu aquele. Hoffmann ainda voltou no mesmo dia e conseguiu aliciar mais dois, uma moça da dita família e um rapaz de sobrenome Schneider da família Wenzel.

Em seguida consta carta do referido Sr. José J. da Costa Lima informando que, não apenas o aliciador, mas Bergmann se encontrava em sua propriedade e a seu serviço, escrevendo a Metzger que seria bem recebido ali, assim como convidava outros a segui-lo.

Diante disso, o Visconde se dirigiu às autoridades locais pedindo providências, porém essas não foram tomadas sob alegação de falta de força disponível. Não querendo se arriscar contra uma colônia inteira e quase toda bem armada, limitou-se a despedir Saar, como cabeça da desordem, chamando-o perante a autoridade competente e fazendo-o assinar termo de bem viver, obrigando-o a não perturbar a paz da colônia sob multa de 30 contos de reis ou prisão de 30 dias. Saar acabou quebrando o contrato e foi recolhido à cadeia de Valença enquanto Hoffmann, por solicitação das autoridades de lá, foi capturado e preso na cadeia em Rio Preto.

Na sequência, o juiz de direito destacou uma força de guarda nacional composta por 15 homens (quase desarmados), um tenente de polícia e quatro policiais para desarmar os colonos, não apenas de Santa Rosa, mas também da fazenda Independência e de Santa Justa. Ao todo foram recolhidas 84 pequenas carabinas de calibre 12, dez espadas, cinco pistolas e uma baioneta.

Sobre as armas confiscadas, o Visconde explicou ao Sr. conselheiro Pedreira:¹³

Alguns colonos donos das armas arrecadadas têm-me pedido permissão para as venderem a pessoas que não sejam suspeitas, servindo-se do seu importe para comprarem alguns animais de criação e outros objetos que lhes possam ser de proveito: não me julguei autorizado a permitir-lhes isso sem ordem de V. Ex., conquanto me pareça de conveniência e justiça o que pedem.

Depois disso foi instaurado o processo pelo crime de resistência contra Hoffmann e Saar, este último na qualidade de cúmplice, sendo colhidos os depoimentos dos alemães Truppel, Möller, Kühn, Lutz e outros quatro, todos concordantes em suas afirmações. Juraram pertencerem todos à colônia e declararam livremente que vinham sendo bem tratados pelo Visconde, além de estarem satisfeitos com as obrigações dos contratos e até mesmo recebido benefícios extras.¹⁴

Como consequência, o censo da colônia no ano seguinte indicava que o número inicial de 150 colonos havia sido reduzido para 132, considerando que sete foram despedidos e um havia fugido, além de terem ocorrido vários óbitos (FERRAZ, 1854, p. 53-54). O autor deste mesmo relatório seguiu informando que “depois do ato de insubordinação, que praticaram no ano passado e que foi imediatamente reprimido, têm os colonos vivido com mais regularidade, e vão se acostumando ao trabalho.”

Os relatórios dos anos posteriores não trouxeram grandes novidades, informando números da produção agrícola, da qual parte dos lucros era usada para o pagamento das dívidas de contrato. Em 1857 surge a informação de que muitos proprietários de fazenda passaram a admitir o trabalho livre como vantagem; a experiência vinha principalmente do Barão de Nova Friburgo, em cujas fazendas existiam mais de 700 colonos de origem portuguesa, contratados de forma assalariada (BARBOSA, 1857, p. 28-29).

Além disso, em diversas províncias começavam a surgir os primeiros resultados dos imigrantes instalados em colônias rurais, vindos por intermédio da Associação Central de Colonização, a qual havia iniciado suas atividades em 1854.

Em relação às fazendas Santa Justa, Independência e Santa Rosa, ainda em 1857, as dívidas dos colonos continuavam sendo progressivamente reduzidas com os lucros das colheitas, havendo ainda reclamações sobre a falta de escolas primárias em Santa Rosa (BARBOSA, 1857, p. 28-29).

¹³ JORNAL do Commercio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro 23 abr. 1853. Vol. 28, n.º 112, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/5167. Acesso em: 29 set 2022.

¹⁴ Apenas um ou outro discordou dessa confissão, alegando motivos de desgosto contraditórios com a verdade dos fatos e com os ditos unânimes de seus companheiros. Fonte: JORNAL do Commercio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 13 abr. 1853, vol. 28, n.º 102, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/5122 Acesso em: 29 set 2022.

A rotina do cultivo do café e das atividades de lavoura

No relatório provincial de 1853, além do episódio da insurreição, reclamou o Visconde de Baependi que não só lhe enviaram gente não afeita a trabalhos agrícolas, mas ainda, contra sua expressa recomendação, vieram colonos solteiros como formando parte de famílias, de que não eram membros e às quais não estavam ligados pela menor relação de parentesco; além disso, não tinham a perseverança necessária para se entregarem com esforço aos trabalhos da lavoura, a que não estavam acostumados, e originaram frequentes rixas entre os agregados e os intitulados chefes de família, dos quais iam se separando, e com isso obrigando o proprietário a fazer repetidas alterações nos contratos e nas respectivas contas. Prosseguiu o Visconde informando que os alemães não tinham conduta regular, desmoralizando os taberneiros e pequenos mercados das vizinhanças da fazenda, que procuram atrai-los para suas casas e tavernas, aproveitando-se da sua ignorância quanto à língua e aos preços do país (FERRAZ, 1853, p. 44-46).

Ao menos no início não havia queixas semelhantes dos proprietários das demais fazendas, embora o Marquês de Valença, da fazenda das Coroas, registrou nesse mesmo relatório que os colonos se tornaram tão exigentes em relação à forma vaga com que os contratos foram celebrados, que era difícil satisfazê-los plenamente, e que se realizasse futuros engajamentos teria que explicitar a qualidade e a quantidade de víveres e outros objetos a serem fornecidos na colônia.

É importante considerar que, de fato, a alegação do Visconde de Baependi estava parcialmente correta. Em sua maioria, os colonos turíngios não eram agricultores, havendo toda uma variedade de profissões relatadas entre os imigrantes, como alfaiates, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, tecelões, ferradores, ceramistas, sopradores de vidro, artesãos etc. – e de todos os níveis, dos aprendizes aos mestres qualificados nesses ofícios (THÜRINGISCHES STAATSARCHIV RUDOLSTADT, s/d).

Ademais, certamente esses imigrantes não estavam acostumados com clima, solo, técnicas de plantio e variedades agrícolas, estando ainda cobertas por mato as terras em que deveriam ocorrer as plantações. De Santa Justa escreveu MATZ (1853):

(O começo) não foi tão fácil quanto esperávamos; a primeira preparação (do solo) custa muito esforço. Mas, uma vez preparado, podemos então plantar e colher durante o ano todo.

Mais do que isso, a comparação dos fazendeiros era com o trabalho escravo; considerando que um escravo era encarregado de cuidar de 1.000 cafezeiros, após ajustes iniciais, o proprietário da fazenda Santa Rosa, atendendo a que os colonos não estavam ainda aclimatados, limitou a cada um deles a quantidade de 500 pés de café, “somente”.¹⁵

¹⁵ idem.

A dura rotina em Santa Rosa foi descrita por Wilhelm KÜHN (1855):

Vocês perguntam o que fazemos entre dois períodos de colheita do café, já que não temos feno para cuidar durante o inverno, como vocês. Isso não é necessário por aqui, nem mesmo providenciar lenha para o inverno. Pensem que cada um cuida de 3.000 pés de café, a 12 passos de distância entre si, plantados nos terrenos inclinados dos morros. Esse cafezal precisa ser limpo das ervas daninhas com enxada duas vezes por ano, as quais em dois meses atingem o tamanho de um homem adulto. Essa limpeza dura bons três meses e a colheita, quando rende bastante café, de quatro a cinco meses. E ainda há o trabalho agrícola porque não lavramos como vocês, mas só conseguimos plantar alguma coisa no chão da selva após uma queimada. A cada quatro ou cinco palmos é aberto um buraco, onde são depositados quatro grãos de milho. Após três a quatro semanas o milho é cortado e (o terreno) limpo de grama, com batatas, feijão ou abóboras plantadas no meio. A colheita de algumas centenas de alqueires dessas plantas também leva muito tempo, além dos outros frutos que cultivamos. (...) Pois muitos não levam em conta que os salários são calculados de acordo com esse trabalho, e que os latifundiários certamente não investem milhares para trazer preguiçosos, os quais são excluídos já no início dessas condições.

Acrescente-se às atividades na lavoura os cuidados com os animais, pois desde o início os colonos tinham aves domésticas e passaram a criar suínos e caprinos. O próprio Wilhelm Kühn comentou que possuía duas cabras, dois porcos, 12 galinhas e alguns perus, pensando ainda em adquirir uma ou duas vacas assim que pudesse providenciar estábulo e forragem para tal (KÜHN, 1853).

Por fim, não se pode esquecer todo o trabalho com os afazeres domésticos, como lembrou Adelheid KÜHN (1855) em Santa Rosa:

Apesar de ir pouco aos morros de café, milho e feijão, tenho muita tarefa com lavar e passar roupas, pois o proprietário da fazenda preza pela limpeza. Que lindo brilho de domingo, quando os rapazes montados em seus cavalos vão e voltam entre as colônias, os jalecos e as calças brancas!

Com os frutos de seu trabalho os colonos recebiam a parte que lhes cabia do produto das colheitas de café, feitos os descontos para amortização da dívida, na forma do respectivo contrato. O balanço dos lucros foi registrado nos relatórios provinciais durante os anos seguintes, que mencionavam que as tais dívidas iam sendo quitadas de forma progressiva. Aos poucos a situação social foi se acalmando e uma rotina de trabalho e de vida familiar se estabeleceu nas colônias, que passaram a crescer pela ocorrência de casamentos e nascimentos nas famílias dos próprios colonos.

A assistência religiosa e os registros paroquiais

Desde o início da vida nas fazendas havia três grandes queixas dos colonos quanto à infraestrutura na vida cotidiana: a falta de moinhos, a falta de escolas e de professores, e a falta de uma igreja e de um pastor luterano.

Em dezembro de 1852, a convite dos proprietários, as fazendas Independência, Santa Justa e Santa Rosa receberam a visita do pastor Ludwig Winkler.¹⁶ Em Santa Rosa havia sido feito um cemitério cercado e nessa ocasião o pastor “prestou aos colonos os socorros de sua religião, fazendo diversos casamentos e batizados” (FERRAZ, 1853, p. 45).

Retornando a Petrópolis, o pastor Winkler redigiu uma carta com data de 14 de janeiro de 1853 dirigida ao Sr. Nicoláo Antonio Nogueira Valle da Gama, proprietário da fazenda Independência, na qual informou que na sua chegada à corte¹⁷

Muitos curiosos se aglomeraram em torno de mim para obter notícias dos colonos, e na cidade terei muitas pessoas para ver ou receber, interessadas neste novo e filantrópico empreendimento. Quisera Deus que todos os colonos, sem exceção, tivessem a íntima convicção – que têm em seus senhores protetores que se interessam pelo seu destino com uma solicitude verdadeiramente paternal.

Porém transcorridos dois anos após se estabelecerem nas fazendas a estrutura das residências e a prestação de serviços religiosos continuavam precárias, como escreveu em carta datada de março de 1854 Wilhelm KÜHN (1855) aos seus parentes na Alemanha:

Aqui no campo não há casas tão bonitas como na Alemanha, embora haja nas cidades. Nossos pisos são de barro, como o piso do seu celeiro; em vez de janelas, temos apenas persianas que fecham à noite e abrem novamente pela manhã. O pior é que não temos igreja nem escolas porque faltam pastores e professores neste país. Será que não há ninguém na Alemanha que queira vir até nós para ter uma boa vida?

De modo geral, nos anos seguintes a assistência religiosa continuou sendo provida pela paróquia luterana em Petrópolis, a uma distância de pelo menos dois dias a cavalo das sedes das fazendas. Alguns batizados foram realizados nas próprias fazendas por colonos autorizados, chamados de “instruídos”, e posteriormente registrados pelos pastores nos livros em Petrópolis (fig. 4), ou durante a visita presencial do pastor às colônias, em situações muito esporádicas.

¹⁶ O DIÁRIO. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro 1 abr. 1853. Ano 32, edição 88, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/38271. Acesso em: 04 out. 2022.

¹⁷ Idem.

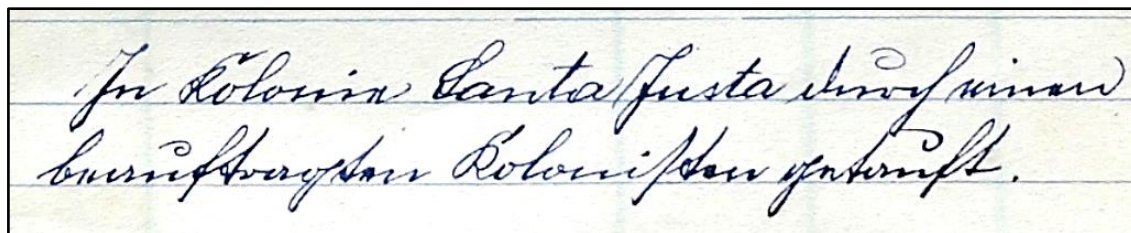


Fig. 4: Anotação junto ao registro de batismo coletivo realizado na fazenda Santa Justa e transcrito para os livros paroquiais em Petrópolis. O texto menciona "In Kolonie Santa Justa durch einen beauftragten Kolonisten getauft" (batizados na colônia Santa Justa por um colono instruído). Fonte: Deutsch-Evangelische Gemeinde Petropolis. *Taufregister* (1846-1899).

Celebrações de casamento, por outro lado, não eram oficializadas pelos colonos e ocorriam de forma coletiva durante as visitas pastorais ou pelo deslocamento dos noivos para Petrópolis (fig. 5), como relatou Adelheid KÜHN (1855) em Santa Rosa:

Reinholdine desposou um Schneider nascido em Lichte bei Wallendorf, Anton uma garota de Schwarza próxima a Rudolstadt, Christian Schneider (desposou) a Christiane Henkel de Mellenbach, Friedrich Eberdt a Lea Werlich, nosso Carl a Friedrike Werlich. Os seis casais, casados em pouco intervalo de tempo, precisaram cavalgar por dois dias.

22	16/4/54	Wilhelm Ehrhard, 21 f. v. Behlen	} Alle aus Behlen, Schw. Rudolstadt und wohnhaft auf Fazenda Sta. Rosa.
		Richard Bredel, 18 f.	
		Albert Weiss, 21 f.	
		Friedrich Ebert, 36 f.	
		Gustav Müller, 23 f.	

Fig. 5: Parte da transcrição do registro de um casamento coletivo realizado em Petrópolis detalhando o nome e residência dos noivos. O texto menciona "Alle aus Behlen (sic), Schw. Rudolstadt, und wohnhaft auf Fazenda Sta. Rosa" (Todos de Behlen, Schw. Rudolstadt, e moradores na Fazenda Sta. Rosa). Fonte: Deutsch-Evangelische Gemeinde Petropolis. *Traungsregister* (1846-1982).

São apresentados a seguir a transcrição desses registros de batismos (tabela 3) e de casamentos (tabela 4) lançados nos livros na paróquia evangélica luterana em Petrópolis. Não foram encontrados registros de óbitos ou de confirmações nos livros disponíveis para consulta na referida paróquia. É interessante destacar que, em alguns casos, os registros continuaram mesmo após 1861, em parte pelos colonos que permaneceram na região, em parte por outros que migraram tardiamente ou até mesmo retornaram por curto período ao sudeste.

Tabela 3: Registros de batismos na IECLB em Petrópolis.

Reg., pág.	Nome da criança	Pais	Padrinhos	Obs.
I-351-1 20v	Emilie Georgine Frederike * 24/07/1853 ~ 24/07/1853	Christ. Hch. Reisse de Wildenspring Maria Barbara n. Schirmern	Georg Schmidt, Hch. Moeller Maria Kaiser Heinr. Lutz	a
I-351-2 20v	Christine Catharina Florentina * 29/11/1853 ~ 14/12/1853	Joh. Hch. Moeller de Sitzendorf Catharina n. Matthes	Christian Lutz Cath. Florent. Reisse Friedr. Winkler	a
I-351-3 20v	Carl Aug. Friedrich * 08/12/1853 ~ 21/12/1853	Raimund Jacoby de Böhlen Luise de Walgenb... (ilegível)	Carl Kühn Auguste Friderike Bratfisch	a
I-351-4 21v	Emilie Aug. Amalie Marianne * 06/07/1855 ~ 22/08/1855	Carl Hake de Hannover Christiane n. Winkler	Eduard Louridort Amalie Winkler Marianne Schönbrunn	b
I-351-5 21v	Emma Emilie Henr. Doroth. Wilh. Adelheid * 10/09/1855 ~ ?	Carl Straubel Leonore n. Lutz	Gustav Tormanik Wilh. Kaiser Doroth. Straubel Adelh. Lutz	b
I-351-6 21v	Hch. Gustav Carl * 19/03/1856 ~ 06/04/1856	Gottfried Lutz de Gillersdorf Johana Frederike n. Schmidt	Gustav Tormanik Nicolaus Kaiser Florentina Lutz	b
I-351-7 21v	Christ. Friedr. Eduard (gêmeo) * 19/03/1856 ~ 06/04/1856	Nicol. Aug. Lutz	Eduard Bourdot Christ. Lutz Frieda Uhlmann	b
I-351-8 21v	Elwine Frederike Luise (gêmea) * 19/03/1856 ~ 06/04/1856	Frederike Lucinde n. Uhlmann	Richard Kaiser Luise Schüssler Elis. Bäringer	b
I-351-9 21v	Emma Maria Barbara * 31/08/1856 ~ 14/09/1856	Hch. Moeller de Sitzendorf Catharina M. de Bunkersdorf	Nicolaus Kaiser Maria Barbara Dominik	b
I-351-10 21v	Johann August * 06/03/1857 ~ 15/03/1857	Friedrich Uhlmann de Böhlen Elisabeth n. Bäringer	Jacob Schneider Raimund Jacoby Auguste Kaiser	b
I-351-11 21v	Gustav Carl * 21/06/1857 ~ 05/07/1857	Joh. Wilh. Kaiser Auguste n. Bock. de Wildensprung (<i>sic</i>)	Gustav Dominik Josef Kaiser Christine Hake	b
I-351-12 21v	Laura Ju. Emma * 21/06/1858 ~ 04/07/1858	Gottfried Lutz de Gillersdorf Frederike n. Schmidt	Julius Gustav Reise Adelh. Eger Auguste Kaiser	b
I-351-13 21v	Emil Christ. Theod. Friedrich * 01/09/1860 ~ 16/09/1860		Christ. Lutz Emil Eger Frederike Bourdot	b

Tabela 3: (continuação)

Reg., pág.	Nome da criança	Pais	Padrinhos	Obs.
I-355-1 24v	Rosalie Carol. Wilhel. Emilie Juliane * 04/10/1855 ~ 20/11/1855	Wilh. Ehrhardt	Rosalina Metzger Carl Kühn Carl Saar Wilh ^e Oberländer	c
I-355-2 24v	Eduard Rich. Carl Johann * 05/12/1855 ~ ?	Carl Ehrhardt	Emil Eger, Juliane Wais, Wilh. Ehrhardt, Doroth. Wais, Joh. Sperber, Rich. Brödel	c
I-355-3 24v	Lucinde Christiane Frederike Emilie * 15/03/1856 ~	Friedrich Ebert	Lucinde Saar Barbara Sperber Christian Lutz	c
I-355-4 24v	Laura Aug. Juliane Mathilde * 15/03/1856 ~	Richard Brödel	Mathilde Rauch Laura Mönch August Wehrlich	c
I-355-5 24v	Pauline Caroline Fred. Therese Auguste * 16/05/1856 ~	Carl Reis	Pauline Ehrhardt Carol. Saar Fred. Lutz Gustav Wehrlich	c
I-355-6 24v	Maria Aug. Eva * 17/05/1858 ~	Paul Hoffmann de Berlim Caroline n. Saar	Gustav Wehrlich, Louis Saar, Eva Reise, Pauline Saar	c
I-355-1 24v	Carl August Saar * 25/12/1862 ~ 10/07/1863			d
I-355-2 24v	Wilhelmine Franzisca Saar * 11/02/1855 ~ 10/07/1863	Carl Saar Lucinde n. Wehrlich		c
I-355-3 24v	Auguste Luise Saar * 14/12/1857 ~ 10/07/1863			c
I-355-4 24v	Wilhelm August * 19/07/1860 ~ 10/07/1863			c
I-355-5 24v	Pauline Lucinde Caroline * 16/05/1868 ~ 20/07/1868	Carl August Reise Dorothea n. Saar		c
I-349-3 20v	Carol. Wilh. Mathilde * 08/02/1869 ~ 05/04/1869	Josef Kaiser de Weimar Christine n. Beppler	August Luise Frederike Reise	

Tabela 3: (continuação)

Reg., pág.	Nome da criança	País	Padrinhos	Obs.
I-351-2 22v	Wilhelmine Luise * 08/11/1863 ~ 08/03/1864	Wilhelm Kaiser Dorothea Cath. n. Hoss	Carl Maenschen Fr. Schroder Luise Reisser Stützel	e
I-351-3 22v	Carl Friedr. Robert * 06/08/1864 ~ 05/09/1864	Christ. Ferdinand Lorentine Wilh. Caroline Reisse	Albert Reisser Henriette n. Rossbach	e
I-351-4 22v	Henriette Wilhelmine * 27/02/1864 ~ 05/09/1864	Luiz Werlich Helene n. Mönchen	Christ. Ferd. Lutz Barbara Kappler M ^{el.} Lima Guimarães	e
I-351-5 22v	Christian Laurindo * 14/04/1865 ~ 08/06/1865	Julius Gust. Reise Christina n. Hass	Carl Schweickardt Barb. Kappler M ^{el.} L. Guimarães	e
I-355-6 25v	Albert Nicolaus * 10/09/1868 ~ 03/11/1868	Ernst Wenzel Ida n. Göhring		
I-355-7 25v	Caroline Fred. Theod. * 22/06/1868 ~ 03/11/1868	Theodor Grossmann Aug. Pauline n. Saar		
I-355-8 25v	Pauline Carol. Berta * 08/02/1869 ~ 03/08/1869	Albert Knauer Rosalie n. Göhring		
I-355-1 25v	Emilie Lucinde * 26/05/1866 ~ 04/09/1866	Wilhelm Kaiser Auguste n. Bock	Emil Wenzel Lucinde Saar	f
I-355-2 25v	Franzisca Caroline Alwine * 09/06/1866 ~ 04/09/1866	Carl Reise Dorothea n. Saar		
I-355-3 25v	Alwine Dorothea * 10/04/1866 ~ 04/09/1866	Theodor Grossmann Aug. Pauline n. Saar		

Legenda: * = nascimento; ~ batismo; n. = nascida (nome de solteira).

Obs.:

- ^a Batizados na colônia Santa Justa por um colono instruído.
- ^b Os registros acima foram realizados na colônia Santa Justa em Valença por um colono instruído e depois registrados no livro paroquial pelo Pastor Daniel Jacob Hoffmann.
- ^c As crianças listadas nasceram em Santa Rosa e foram batizadas por um colono.
- ^d Nascidos em Santa Rosa, com registro paroquial em Juiz de Fora.
- ^e Batizados pelo Pastor Gottlob Stroele em Areal.
- ^f Batizada em Santa Rosa pelo Pastor B. Pflueger.

Tabela 4: Registros de casamento na IECLB em Petrópolis.

Reg., pág.	Data	Noivo	Noiva	Obs.
I-4-22 8v	16/04/1854	Wilhelm Ehrhard, 21 anos	Pauline Metzchen, 23 anos	a,b
		Richard Bredel, 18 anos	Reinholdine Werlich, 23 anos	
		Albert Weiss, 21 anos	Juliane Metzchen, 18 anos	
		Friedrich Ebert, 36 anos	Caroline Bredel, 16 anos	
		Gustav Müller, 23 anos	Caroline Trubel (<i>sic</i>), 18 anos	
I-5-31 9v	22/10/1854	Carl Richard Kühn, 21 anos, de Böhlen; filho de Friedr. Wilh. Kühn e Magdal. Adelheid n. Merger	Frederike Christiane Wilh. Werlich, de Böhlen; filha de Joh. Gottlob Werlich e Sofie Barbara n. Möller	
I-5-36 10v	24/12/1854	Ali Theodor Schneider, 21 anos, de Böhlen; filho de Wilhelm Schneider e Marg. Barbara n. Näthern	Frederike Bratfisch, 17 anos; filha de Ferd. Bratfisch e Cath. Barbara n. Mengen	b,c
I-6-37 10v	24/12/1854	August Lutz, 27 anos, de Königsee, 27 anos; filho de Friedrich Lutz e Marg. n. Sommer	Wilhelmine Ullmann, 23 anos, de Böhlen; filha de Friedrich Ullmann e Marg. n. Matthes	b,d
I-6-38 10v	08/01/1855	Carl Straubel, 23 anos, de Blankenburg, Turingia; filho de Heinrich Straubel e Henriette n. Eibrechs	Leonore Lutz, 22 anos, de Gillsdorf; filha de Friedrich Lutz e Marg.	b,d
I-6-39 10v	08/01/1855	Carl Haacke, 25 anos, de Gommorow (<i>sic</i>); filho ilegítimo de Dorothea Haferbeck	Christine Winkler, 23 anos, de Käuschen (<i>sic</i>)	b,c
I-6-40 10v	21/01/1855	Wilhelm Schönbrunn, 29 anos, de Kosel, Silésia; filho de Gottlieb Schönbrunn e Cath. n. Kühn (+)	Marianne Baier, 21 anos, de Böhlen; filha de Wilhelm Baier e Marie n. Witzmann	b,d
I-6-41 10v	21/01/1855	August Eger, 22 anos, de Böhlen; filho de Christof Eger e Frederika n. Metzger	Dorothea Baier, 17 anos; filha de Wilhelm Baier e Marie Witzmann	b,d
I-6-42 11v	21/01/1855	Christian Lutz, 25 anos, de Kullensdorf (<i>sic</i>); filho de Friedrich Lutz e Marg. n. Sommer	Florinda Reise, 19 anos, de Wildenschruch (<i>sic</i>); filha de Christ. Hch. Reise e Maria n. Schermann	b,d
I-7-58 12v	18/11/1855	Christ. Hch. Andreas Lutz, de Gillersdorf, Schwarzb.-Sondersh.	Johanna Marg. Frederike Eberhardt, de Gröfenau (<i>sic</i>)	b,d,e
I-7-63 13v	24/03/1855	Christ. Wilh. Schneider, 39 anos, de Böhlen, viúvo	Johanna Sofie Michel, 32 anos, de Rudolstadt	b,c
I-7-68 13v	25/05/1855	Hch. Friedr. Julius Uhlmann, de Böhlen	Ernestine Leonore Elisab. Bäringer	b
I-9-s/n 15v	19/04/1857	Theodor Güntzler, de Böhlen	Lucinde Lutz, de Gillersdorf	d,f
I-9-81 15v	30/06/1857	Richard Kaiser, da Prússia	Mathilde Eger, de Böhlen	d
I-9-81 15v	12/07/1857	Jacob Schneider, de Ludwigsstadt, Baviera	Johanna Schirmer, de Wallenbach	d

Legenda: n. = nascida (nome de solteira); (+) = falecido(a)

Obs.: ^a (referente aos noivos) Todos de Behlen (*sic*), Rudolstadt, e moradores na fazenda Santa Rosa.

^b Registrado pelo Pastor Hoffmann. ^c Casados em Santa Rosa. ^d Casados em Santa Justa.

^e Testemunhas: Wilh. Schönbrunn e Nic. Kaiser. ^f Realizado por A. H.

A migração para Santa Catarina

Em 1859 o relatório provincial mencionava que a maioria dos colonos das fazendas Santa Justa e todos da fazenda Independência (que havia recebido os da fazenda das Coroas após o falecimento do Marquês de Valença em 1856) haviam quitado suas dívidas. Por outro lado, as dos que se encontravam em Santa Rosa “já estariam totalmente extintas, se esses colonos fossem todos lavradores e habituados aos trabalhos do campo” (MACEDO, 1859, p. 86).

No começo do ano de 1860 os colonos haviam saldado suas dívidas e se tornado cidadãos brasileiros naturalizados. Nessa condição, cobraram do governo imperial a promessa de fornecimento de terras gratuitas e outros favores pactuados aos colonos de parceria, o que lhes foi negado. O governo respondia de forma evasiva, por um lado informando sobre a indisponibilidade de terras na província, por outro alegando não haver obrigação no fornecimento de lotes coloniais por sua qualidade de brasileiros naturalizados e, nessa condição, negando a intervenção de um agente diplomático estrangeiro. Diante disso, os colonos passaram a se mobilizar em diferentes ações visando solucionar sua questão (TOTVARAD, 1860).

No início do mês de abril, após uma semana vagando pelas ruas da capital a procura de alguém que os pudesse ajudar, alguns colonos de Santa Justa e da fazenda Independência apareceram na casa do Sr. Carlos Kornis de Totvarad solicitando orientação jurídica. Totvarad era um jurista húngaro naturalizado brasileiro estabelecido na capital e que alcançara notoriedade ao publicar, em 1858, sua obra que defendia o casamento civil. Eles solicitavam que Totvarad redigisse um requerimento ao governo imperial para pedir passagem livre e terrenos nas colônias na província do Rio Grande do Sul por um preço moderado e a certo prazo.

Prosegue TOTVARAD (1860) relatando que analisou os contratos de parceria, a carta de naturalização assinada pelo presidente da província, a lista das famílias solicitantes e, em especial a certidão assinada pelos fazendeiros que declarava e reconhecia a quitação das obrigações contratuais, bem como informava que os respectivos colonos poderiam se retirar sem obstáculos das propriedades depois do prazo de seis meses, ou seja, na metade do mês de outubro. Diante disso, aceitou a causa e redigiu a petição ao governo em favor dos suplicantes. Algumas semanas depois fez um segundo requerimento de igual teor para outro grupo de famílias da colônia Santa Rosa.

Passados dois meses, descobriu que os requerimentos foram mal-recebidos pelo governo, o qual negou a transferência para o Rio Grande do Sul, mas que se mostrava decidido a mandá-los para a província do Espírito Santo. Em réplica, observou que essa decisão “parecia ressentir-se de uma espécie de castigo imerecido contra os colonos em questão” e fez saber que nesse meio tempo havia tomado conhecimento que o governo estava estabelecendo novas colônias na província de Santa Catarina, apresentando outro

requerimento em nome de ambos os grupos de colonos nesse sentido e determinando o prazo da transferência para meados do mês de outubro.

Nesse ponto houve uma falha de comunicação de Totvarad com os colonos, que não tomaram ciência da iniciativa desse novo requerimento.

Proseguiu Totvarad relatando que, passado algum tempo, um pequeno grupo (“meia dúzia de colonos”) se apresentou em seu escritório solicitando informações do andamento do processo e, para sua surpresa, informando-o que haviam deixado as fazendas e tomado caminho para Petrópolis, onde aguardavam posicionamento do governo sobre a transferência para Santa Catarina. Totvarad também tomou conhecimento que nesse meio tempo os colonos haviam abordado o Barão de Meusebach, que assumira há pouco o cargo de ministro plenipotenciário da Prússia no Rio de Janeiro, o qual também interveio a favor dos colonos de Santa Rosa, mas não pelos da fazenda Independência ou Santa Justa.

Embora incomodado com essa ação paralela, Totvarad fez novo requerimento para a repartição das terras públicas pedindo ao governo os mesmos favores para os colonos das demais fazendas e foi, no dia seguinte, à repartição para saber do resultado. Lá ficou sabendo que tudo havia sido arranjado pelo ministro prussiano e logo em seguida o grupo partiu para Santa Catarina, “sem me dizer nem bons dias, nem adeus”!

Em sua breve visita pela província do Rio de Janeiro durante o ano de 1860, J. J. von TSCHUDI (1867, p. 250-251) já havia observado que, em relação às fazendas de São Paulo, as colônias de parceria na província do Rio de Janeiro continuaram vegetando até aquele ano. Confirmou o abandono das 89 famílias nas três colônias então existentes em outubro, mas registrou que, entre as 43 famílias restantes, surgiram em breve graves dissidências. Elogiou, por fim, a habilidade e a energia de Totvarad na defesa de seus direitos, reproduzidos nos jornais da cidade do Rio de Janeiro.

Proseguiu informando que teve oportunidade de falar com grande número dos colonos, tanto no Rio de Janeiro quanto no Sul do país, e confirmou que vários deles, provenientes da fazenda Santa Rosa, elogiavam seu proprietário, o Visconde de Baependi, lastimando que se tivessem deixado levar pelos seus patrícios de outras colônias a abandonar a fazenda. Nas palavras de TSCHUDI (1867, p. 251)

Os colonos de ambas as outras fazendas, Santa Justa do Sr. Braz Carneiro Bellens, e Independência, do Sr. Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, tinham muitas razões de queixa. Especialmente estes últimos eram tratados da maneira miserável pelo administrador da colônia, José Antônio Furtado. Antes que este chegasse à fazenda, os colonos plantavam muito arroz. Furtado, porém, não consentiu mais nisto, e dizia que os estrangeiros não devem plantar além daquilo que lhes é estritamente necessário para o consumo próprio, “pois em caso contrário, vendendo as sobras, pagam suas dívidas muito rapidamente e a fazenda perde os colhedores de café, que foram trazidos especificamente para essa tarefa”. Nas três fazendas o preço do café era muito baixo, o que prejudicava os colonos.

É importante reforçar, portanto, conforme registrado por Tschudi, que nem todos se dirigiram para o sul. Muitas famílias migraram para Minas Gerais, estabelecendo-se principalmente em Juiz de Fora e Mar de Espanha; outros seguiram para Petrópolis e para a cidade do Rio de Janeiro. Na fazenda Santa Rosa restavam, até maio de 1862, cinco famílias alemãs que totalizavam 19 pessoas, não como colonos, mas como protegidos do proprietário, dedicando-se à cultura de cereais (BELLO, 1862, p. 35), incluindo as famílias Saar e Reise. Os que se dirigiram para o sul certamente o fizeram de consciência tranquila e cabeça erguida.

Esse processo de migração interna do Rio de Janeiro para Santa Catarina é detalhado em cinco principais listas dos colonos *Kaffeepflücker*, duas no final de 1860 e três após seis meses, em maio de 1861.¹⁸ As listas são uma fonte preciosa de informações, não apenas pelos nomes e idades, mas também pelas relações entre as diferentes famílias conforme sua sequência, além de possibilitarem inferir falecimentos, uniões e nascimentos durante o período de oito anos em que estiveram na província do Rio de Janeiro.

A primeira e maior dessas listas tem despacho de 22/10/1860 e compreende 313 pessoas de 75 famílias,¹⁹ contendo eslovacos instalados na fazenda Independência e turingios de ambas as fazendas, Santa Rosa e Santa Justa. Diversos núcleos familiares aparecem com os nomes riscados e correspondem à leva seguinte, com despacho de 03/11. Foram transportados pelo vapor Joinville (HERKENHOFF *et al.*, 1999), ao que tudo indica com desembarque em Desterro. Entre os que se estabeleceram nas diferentes linhas coloniais em Santa Isabel foram relacionados os seguintes:

viúva WENZEL, Anna (37 anos), com Friedrich (29) e Emil (16).

WENZEL, Carl August (25 anos), com Johanna (19) e Juliana Hilda (½).

EHRHARDT, Friedrich Carl (32), com Beate (31), Richard (4), Francisco (6), Florenz (2) e Heinrich (13).

EHRHARDT, Heinrich Wilhelm (30 anos), com Friederike (29), Rosalie (5), Carl (2), Albert (28) e Theodor (24).

BRATFISCH, Johann Ferdinand (53), com Catharina (49), Friederike (14), Johanna (10), Francisca (8).

BRATFISCH, August Carl (27 anos), com Wilhelmine (21) e Reinhold (½).

SCHNEIDER, Theodor (27 anos), com Friederike (23), Albert (5) e Carl (2).

METZKER (METZGER), Christian Wilhelm (55 anos), com Johann (Johanna?) (55), Friederike (21) e Carl (17).

MÖNCHEN (MÄNNCHEN), Heinrich (53 anos), com Johanna (52), Heinrich (18), Hulda (15) e Albert (11).

MÖNCHEN (MÄNNCHEN), Johann Richard (26 anos), com Juliane (22).

WEISS, Heinrich Albert (27 anos), com Auguste (25), Wilhelm (5), Emma (3), Albertine (1) e Luiz Hinkel (18).

¹⁸ Uma sexta lista, datada de julho de 1861, é composta em sua maioria pelos nomes de colonos eslovacos e holsácios chegados em meados do ano de 1860 no navio Nancy e que permaneceram poucos meses na fazenda Independência, seguindo para Santa Catarina onde se instalaram principalmente nas colônias Blumenau e Itajaí (Brusque); não contém turingios estabelecidos em Santa Isabel (STEINER, 2019a, p. 177-179).

¹⁹ Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). Ofício do Ministério dos Negócios do Império, Repartição geral das Terras Públicas, 31 mai.1861. Livro MIMP p/ PRESP, 1861/62, p. 96-104.

WERLICH, Luiz (27 anos), com Christine (21), Friederike (15), Albert (½).

POPPENGA, Reempt Harms (33 anos), com Juliane (30), Hermine (5), Hermann (½).

viúva BAUER, Sophie (58 anos), com Elene (14), Ferdinand (30) e Henriette (28).

RAUCHE, Christian Friedrich (51 anos), com Florine (50), Friedrich (28) e Franz (20).

WERLICH, August Eduard (31 anos), com Heinrich (22) e Wilhelmine (18).

SPERBER, Johann Jacob (36 anos), com Johanna (32), Reinholdin (7), Eduard (5) e Christian Bauer (29).

KÖHLER, Constant (25 anos), com Juliane (20), Richard (3), Wilhelm (¾) e Felix (14).

BORDOT, Friedrich (48 anos), com Therese (48), Anton (25), Friedrich (21), Ferdinand (19), Friedrike (17) e Hermann (13).

EGER, Christoph (49 anos), com Friederike (48), Carl (23), Franz (21) e Waldemar (2).

EGER, August (27 anos), com Dorothea (24), Antonio (4) e Emilia (2).

EGER, Emil (26 anos), com Adelheid (21) e Robert (¾).

LUTZ, August (33 anos), com Wilhelmine (29) e Eduard (4).

HAAK, Carl (30 anos), com Christine (29).

LUTZ, Gottfried (35 anos), com Friederike (30), Carl (4), Laura (2), Emil (¼).

MOLLER (MÖLLER), Heinrich (45 anos), com Catharina (41), August (17), Lorinde (7), Emma (4) e Selma (2).

BERING (BEHRING), Wilhelm (49 anos), com Christine (48), Bernhard (22), Michael (17), Friedrike (15) e Gustav (14).

BEHRING, Theodor (27 anos), com Eleonore (26).

UHLMANN, Friedrich (27 anos), com Elisabeth (26), August (3) e Christian (1).

ENTER, August (24 anos), com Amalia (22).

SPERBER, Lorenz (58 anos), com Catharina (49), Heinrich (20), Christiane (17) e Wilhelm Ewers (21).

STAUBEL, Carl (29 anos), com Leonore (28), Emma (5) e Anna (½).

ENDER, Adel (49 anos), com Maria (43), Catharina (17) e Susanna (13).

SEIDLER, Heinrich (57 anos), com Constant (25) e Franz (20).

A segunda lista tem despacho de 03/11/1860 e compreende 73 pessoas de 15 famílias,²⁰ em sua quase totalidade procedentes da fazenda Independência. Foram transportadas pelo vapor Apa, chegando em Santa Catarina no dia 06/11 (HERKENHOFF *et al.*, 1999), novamente sem especificar o porto de desembarque, mais provavelmente Desterro. Dessa relação, são repetidos os nomes de Heinrich Seidler com seus filhos Constant e Franz que seguiram para Santa Isabel, enquanto os demais passageiros se instalaram em Teresópolis ou Brusque.

²⁰ Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). Ofício do Ministério dos Negócios do Império, Repartição geral das Terras Públicas, 31 mai.1861. Livro MIMP p/ PRESP, 1861/62, p. 96-104.

A terceira leva ocorreu seis meses depois e compreende três listas com despacho de 31/05/1861; a primeira contém uma relação de 41 pessoas de 12 famílias,²¹ em sua maioria turingios e todos destinados para a colônia Santa Isabel. Nessa relação voltam a constar os nomes das famílias Bratfisch e Popenga, que teriam se desentendido na nova colônia, retornado para o sudeste e remigrando para Santa Catarina. O nome do vapor não foi indicado, assim como o porto de desembarque, que possivelmente foi Desterro. Entre as famílias listadas estão:

MOELLER, Gustav (39 anos), com Carolina (25), Martha (6), Carl (2 ½) e Wilhelm (2 meses).

EBARDT, Friedrich (49 anos), com Lea (44), Carolina (16) e Friederike (6).

BRATFISCH, Carl (28 anos), com Wilhelmine (22) e Reinhold (1).

BEIERSTORF (BEIERSDORF, BEYERSDORF), Anton (31 anos), com Caroline (24), Ernst (5) e Alwine (3 meses).

SCHMIDT, Georg (42 anos), com Christiane (34), Wilhelm (19) e Thekla (13).

TRUPPEL, Heinrich (50 anos), com Sophia (51), Ernst (21), Bernhardt (14), Wilhelmine (18) e Carl (1 mês).

viúva HENKEL, Frederika (64 anos), com Michael (30), Carolina (25) e Johann (34).

EBART (EBERT), Ferdinand (51 anos), com Catharina (46) e Theodor (18).

POPENGA, Reemt (34 anos), com Johanne (30), Hermine (5) e Hermann (1).

BRATFISCH, August (26 anos).

BERGMANN, Heinrich (43 anos).

WERLICH, Gustav (29 anos).

A lista seguinte, na mesma data, relaciona 36 pessoas de 10 famílias, informando que seriam transportadas para a colônia Brusque,²² onde apenas duas delas efetivamente se estabeleceram; outras quatro foram para a colônia Santa Isabel e as demais permanecem com destino incerto. Novamente o nome do vapor e o porto de desembarque não foram indicados, devendo ter ocorrido em Desterro. As famílias que seguiram para Santa Isabel são:

KAISER, Wilhelm (27 anos), com Auguste (23) e Richard (2).

viúva KAISER, Maria (57 anos), com Joseph (21), Waldemar (19), Carl (16) e Amanda (13).

LUTZ, Christian (31 anos), com Florentine (25).

KAISER, Richard (23 anos), com Mathilde (21), Eduard (3) e Wilhelm (3).

²¹ Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). Ofício da Diretoria de Terras Públicas e Colonização, 31 mai. 1861. Livro MA p/ PRESP, 1861/62, p. 107-108v.

²² Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). Ofício da Diretoria de Terras Públicas e Colonização, 31 mai. 1861. Livro MA p/ PRESP, 1861/62, p. 40-40v.

A quinta e última lista relaciona 36 pessoas de oito famílias,²³ todas destinadas para a colônia Santa Isabel. O nome do vapor não foi indicado, assim como o porto de desembarque, mais uma vez devendo ter sido em Desterro. As famílias listadas são:

HESKLEIN (HENKLEIN), Carl (36 anos), com Maria (43), Theresa (5) e August (4).

MORGENROTH, Friedrich (40 anos), com Johanna (39), Friderika (14), Ida (5), Wilhelm (3) e Theodor (1).

SCHNEIDER, Christian (43 anos), com Johanna (35), Theodor (20), Louis (18), Wilhelm (14) e Henriette (2).

UHLMANN, Friedrich (55 anos), com Margaretha (55), Theodor (26), Franz (20), Luis (17), Friederike (15) e Carolina (13).

JACOBI, Raimund (33 anos), com Louise (31), Carl (8) e Wilhelm (4).

STRAUBEL, Heinrich (48 anos), com Henriette (59) e Friederich (15).

ARNOLD, Christian (23 anos), com Dorothea (19) e Henrich (1).

LUTZ, Christian (50 anos), com Friederika (41) e Bertha (16).

Enfim os lotes coloniais

Os terrenos destinados para recebê-los ficavam na expansão da colônia Santa Isabel para o oeste, abrangendo comunidades da Segunda, Terceira e Quarta Linhas que inclui partes dos atuais municípios de Águas Mornas, Angelina, Rancho Queimado e São Pedro de Alcântara (JOCHM, 1997, p. 159-160; VOIGT *et al.*, 2020, p. 72).

Sobre a instalação na Segunda Linha, menciona STOER (1936, p. 4):

No início foi feito um galpão de madeira precário, perto da propriedade de Peter Küster, numa picada que ia a Santa Isabel e ainda hoje existe, quase intransitável no inverno, que servia de abrigo aos colonos no começo das derrubadas. Estes colonos, todos nascidos na pátria velha, além do grande mar, trabalharam como diaristas nas grandes plantações de café nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro,²⁴ sofrendo muito sob o forte sol tropical, a que não estavam acostumados. Por causa desta antiga profissão deles nas fazendas de café, chamavam-nos de "Kaffeepflücker" (apanhadores de café).

Os novos terrenos, portanto, não estavam prontos; a mata nativa precisou ser derrubada antes do preparo das lavouras e construção das moradias; estradas precisaram ser trabalhadas para possibilitar o transporte de pessoas e dos produtos coloniais. Tudo isso novamente demandou meses de muito empenho dos recém-chegados.

²³ Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). Ofício da Diretoria de Terras Públicas e Colonização, 31 mai. 1861. Livro MA p/ PRESP, 1861/62, p. 41-41v.

²⁴ As fazendas Independência e Santa Justa se localizavam na margem direita do rio Preto, que faz a divisa entre Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Tschudi passou pela região entre o final de fevereiro e início de março de 1861, durante sua viagem por Santa Catarina (TSCHUDI, 1867, p. 403-409). De Desterro partiu acompanhado pelo colono Johann Philipp Scheidt, passando por Santo Amaro (da Imperatriz) e, sob chuva torrencial, se dirigiu para Rio dos Bugres, onde se hospedou na casa de Scheidt. Ali ouviu reclamações dos moradores mais antigos sobre a falta de apoio governamental e a ausência dos títulos de propriedades, sendo os lotes coloniais de tamanhos diferentes e fora dos padrões prometidos, sem as demarcações adequadas.

Deixando a parte velha da colônia seguiu com Scheidt para o oeste e chegou no dia seguinte ao assentamento dos *Kaffeepflücker*. O caminho passava por um morro íngreme e estava “indescritivelmente ruim”, porém os moradores estavam abrindo um novo acesso, do qual recebiam subsídios pelos trabalhos prestados, o que lhes garantia sustento até a colheita da primeira safra. Constatou TSCHUDI (1867, p. 406) que

Se eles fossem recém-chegados da Europa, então eu teria ouvido inúmeras reclamações. Estes colonos estavam juntos há anos devido aos contratos de parceria, acostumados com o trabalho de campo do Brasil e agora olhavam para o exemplo de seus vizinhos ricos cuja diligência e perseverança vai lhes retribuir generosamente ao longo do tempo. Esta convicção também os faz superar os primeiros anos de privação e dificuldades enfrentadas. Eles estavam muito satisfeitos por finalmente atingirem seu objetivo tão esperado, o de se tornarem livres proprietários de terras.

Tschudi mencionou que os terrenos na parte nova da colônia eram tão acidentados quanto os da parte mais antiga, mas igualmente férteis. Café e cana de açúcar não produziam mais, porém arroz, milho, mandioca, batata, feijão etc. rendiam excelentes colheitas. E quando devidamente trabalhados, os terrenos deveriam se tornar ainda melhores à medida que o vale fica mais plano e largo. De lá retornou para a propriedade de Scheidt, novamente sob chuva torrencial pelos barrancos íngremes, à noite.

Antes de concluir sua passagem por Santa Isabel, Tschudi ouviu novas queixas sobre a falta de escolas e igrejas. Os católicos no vale principal haviam construído uma capela que era atendida pelo pároco de Santo Amaro, o qual de vez em quando rezava uma missa. Os protestantes conduziam seus próprios cultos até 1860, quando Scheidt tomou a iniciativa da construção de uma igreja com 200 lugares que, uma vez pronta, recebeu em algumas ocasiões a visita do Pastor Oswaldo Hesse de Blumenau.

De volta à capital dirigiu uma conversa ao presidente da província para solicitar o fornecimento de um professor à localidade, obtendo como resposta que o mesmo seria providenciado em breve e pago com recursos públicos. Quanto à assistência religiosa, somente após retornar ao Rio de Janeiro conseguiu a promessa do Ministro da Agricultura de que seria providenciado um pastor, o que levou mais um ano até que a comunidade de Santa Isabel recebesse um missionário procedente da Basileia (TSCHUDI, 1867, p. 408; STOER, 1936, p. 5).

Ainda sobre as terras na nova colônia, escreveu Constantinus Köhler aos seus parentes na Alemanha:²⁵

Cada família (recebeu um lote de) 100 braças de largura por 750 de profundidade. (...) A terra é muito boa, quem trabalha não passa necessidade e consegue viver feliz com sua família. Não há impostos e dívidas a pagar, tudo é propriedade nossa. O clima é muito saudável e cultivamos os mesmos frutos que na Alemanha, porém faz mais frio que na província onde estivemos.

Durante os primeiros anos, parte dos colonos estabelecidos se desentendeu com a administração colonial, perturbando a ordem pública e solicitando transferência para Brusque (JOCHM, 1992, p. 82), manifestado interesse em se estabelecer em terras do Ribeirão das Limeiras. Em correspondência ao diretor da colônia,²⁶ datada de 14 de novembro de 1862, o vice-presidente da província de Santa Catarina chegou a confirmar o desligamento dos colonos Aly Schneider, Jorge Schneider, Carlos Bratfisch, Gustavo Werlich, Fernando Bratfisch, Frederico Morgenroth e Frederico Ebert. Posteriormente os próprios solicitantes desistiram da mudança e permaneceram em Santa Isabel, em sua maioria na Segunda Linha.

No relatório ao final do ano de 1863 é mencionado que “a maior parte da colônia era laboriosa, havendo, porém, muitos colonos ébrios e vadios, sobressaindo entre os mais desmoralizados os que das Fazendas do Rio de Janeiro foram remetidos para a Província”.²⁷

Quando tudo parecia estar se ajeitando, uma série de reviravoltas administrativas voltou a tumultuar a vida dos colonos. Em 1865 o diretor Joaquim José de Souza Corcoroca foi exonerado e a administração da colônia Santa Isabel foi unificada com a da colônia Teresópolis, sob a administração do diretor desta última. Em 1868 foram finalmente concedidos os títulos provisórios das terras aos moradores das duas colônias, o que finalmente lhes garantia o *status* de proprietários. No final daquele ano o diretor Theodoro Todeschini foi exonerado e em 29 de maio de 1869 o governo provincial recebeu o aviso de emancipação de ambas, encerrando o período colonial, cortando subsídios e cargos administrativos, lançando seus moradores à própria sorte.

Novamente o tão sonhado recomeço passava por privações e provações.

²⁵ Carta com data de 28/12/1861. Nela, KÖHLER (1861) menciona que moraram na fazenda Santa Rosa, onde precisou assumir as dívidas após o falecimento do pai, Georg Jacob Köhler, em 1858, antes de migrar com a esposa e irmãos para Santa Catarina.

²⁶ Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). Correspondências da Presidência da Província para Engenheiros (1862/1870), p. 30-30v.

²⁷ MATTOS, Jacinto Antonio de. **Colonização do estado de Santa Catarina. Dados históricos e estatísticos (1640-1916)**. Florianópolis, Gab Typ. D'O Dia, 1917 *apud* JOCHM (1990, p. 82).

Histórias a partir dos registros de óbito em Santa Isabel

A nova colônia representou a fase final da jornada para a maioria dessas famílias, em alguns casos com passagens mais curtas e tumultuadas, em outros mais longas e felizes.

Carl Richard Kühn, filho único de Wilhelm Kühn que tanto descreveu em cartas o cotidiano em Santa Rosa, onde se casou e teve duas filhas, veio a falecer precocemente não muito tempo depois da chegada em Santa Isabel. A viúva Frederike Werlich desposou logo em seguida Ferdinand Bourdot e as filhas adotaram o sobrenome do padrasto, de modo que a passagem do sobrenome Kühn quase passou despercebido na nova colônia.

O cotidiano da vida em Santa Isabel e na vizinha Teresópolis foi registrado pelos pastores nos diferentes livros paroquiais, incluindo não somente as alegrias de casamentos e nascimentos, mas também os falecimentos, suas causas e, em alguns casos, pequenas biografias (IECLB Santa Isabel, *Totenregister* 1865-1891; 1865-1941).

De forma semelhante à realidade de outras colônias rurais, a falta de assistência médica vitimava especialmente a população mais jovem, incluindo acidentes com cobras e a alta taxa de mortalidade infantil e materna, como consta em diversos registros de falecimentos em decorrência de parto e de complicações do puerpério.

A baixa qualidade sanitária ceifou a vida de muitos. Um aumento de óbitos decorrentes de diarreia e disenteria pode ser percebido nos registros entre março e junho de 1878, com ao menos oito pessoas na comunidade vitimados nesse período, começando pelos irmãos Louis e Maria Werlich, filhos de Louis Werlich e falecidos aos 13/03 e 24/03 com cinco e sete anos, respectivamente. No dia 14/04 foi a vez de Maria Truppel, filha de Ernst Truppel, com oito anos, e dois dias depois Albert Eger, filho de Carl Eger, com seis anos de idade. Idosos também foram acometidos, como o casal imigrante Friedrich Ebert e Lea Beyersdorf, falecidos com um mês e meio de diferença, ele aos 65 e ela aos 62 anos.

Porém nada se compara à epidemia de varíola na Segunda e na Terceira Linha durante o ano de 1882 (fig. 6). O rapaz Edmund Sperber foi vender produtos agrícolas na cidade e voltou de lá contaminado, falecendo no dia 08/07 depois de ter passado a doença para outros familiares, com três de seus irmãos vindo a padecer no mês seguinte, começando por Henrietta aos 04/08, seguida por Gustav Wilhelm e Amanda, ambos aos 11/08. Ainda no mês de agosto faleceram Sophia Wenzel, com 19 anos, e o viúvo Gustav Werlich, com 51 anos, além de Anton Beiersdorf, também com 51 anos, e seu filho August Beiersdorf de 19 anos.

Isolados em suas casas, famílias inteiras deixaram de receber ajuda externa, de modo que precisaram enterrar seus mortos ali mesmo, em alguns casos com sepulturas cavadas pelas mulheres, como foi o caso do menor Johann Jacob Hänglein de 4 anos, enterrado por sua mãe. O último caso registrado da epidemia foi o de Margaretha Wagner, falecida aos 20 anos em 24/12 e enterrada no dia de natal daquele ano.

		1882		F 05				
gestorben	beerdigt	Namen.	Heimath.	Alter.			Vornahme der Seichenschau durch:	Codesart.
				Jahr.	Monat.	Tag.		
21. Juni 1882	22. Juni 1882	Carolina Sperber geb. Hamp- ton gab im 11. Juni 1841 in Deutschland Schwesalgründ	2 ^{te} Linie	41	"	6	H. Bourdot.	Schlagfluss.
5. Juli	9. Juli	Edmond Sperber geb. 1855 in Schiffbr. im 15. J. d. J.	2 ^{te} Linie	27	"	23	"	Pocken. mit niedriger Temper.
4. August 82	5. August 82	Henriette Sperber geb. im 20. April 1867. f. v. (unvollst.)	2 ^{te} Linie	21	3	4	"	Pocken. jetzt Seuche
10. Aug.	11. Aug.	Gustav Wilhelm Sperber geb. im 28. Juli 1871. f. v.	2 Linie	11	"	13	"	Pocken.
10. Aug. 82	11. Aug.	Sophina Wendel geb. im 24. Novemb. 1863. f. v.	2 Linie	18	8	16	"	Pocken.
11. Aug.	12. Aug.	Amante Sperber geb. im 6 Sept. 1863. f. v.	2 Linie.	18	11	25	"	Pocken.
14. Aug.	16. Aug.	Feliciana Sell geb. Hausmann geb. im 15. Nov. 1855 in Schiffbr.	Jfa. bella	36	8	29	Just. Klein	Wochenbett.
31. August	1. Sept.	Anten Bagerstorf geb. im 13. Decemb. 1871.	3 Linie	51	5	18	H. Sperber	Pocken.
6. Sept.	6. Sept.	Johann Jacob Haenglein geb. im 28. Aug. 1818. f. v. d. d. d. Schneidbr.	3 Linie	4	3	3	H. Bourdot.	Pocken.
8. Sept.	9. Sept.	Gustav Morlich, Mathem. (unvollst.) geb. in Deutschland 1831.	3 Linie	57.	"	"	Sperber	Pocken.

Fig. 6: Cópia do livro original de registros de óbitos em Santa Isabel, com a sequência de óbitos por varíola no ano de 1882, incluindo a anotação na última coluna, terceiro registro: "Pocken, jetzt Seuche" (Varíola, agora epidemia). Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC).

Ainda nesses mesmos livros, além das mortes por doenças infecciosas foram registrados entre os imigrantes casos de suicídios, homicídios e acidentes com armas de fogo.

Uma das primeiras mortes violentas ocorreu em 1865, quando Carl Bratfisch faleceu aos 31 anos após levar um tiro na barriga depois de uma briga. Em 1874 Albert Weiss "por engano atirou em si mesmo".

Em 1891 Johann Jacob Sperber cometeu suicídio por enforcamento na idade de 66 anos.

Em 26 de junho de 1894 os irmãos Franz e Alfred Eger, filhos de Emil Eger e Adelheid Lutz, ambos casados e com filhos, durante uma viagem à capital se envolveram em briga com a polícia e foram mortos em Palhoça. Franz levou um tiro e Alfred levou mais tiros e golpes de baioneta. Foram enterrados pelo Pastor Emil Gans de Desterro.

Mas nem tudo foi desgraça em Santa Isabel. Pelo contrário, muitos imigrantes faleceram em idade considerada avançada para os padrões da época, como Wilhelmine Schantz n. Uhlmann aos 70 anos, Johann Nicol Henkel aos 72 anos, Pauline Ehrhardt n. Metzger aos 73 anos, Johann Heinrich Truppel aos 74 anos, August Werlich aos 79 anos, Catharina Bratfisch n. Metzger aos 80 anos e Lorenz Sperber os 87 anos!

Muitos relatos, ainda, registraram famílias numerosas, como a de Karl Wenzel, provavelmente o mais longevo dos *Kaffeepflücker*, que faleceu em 1925 aos 90 anos, 10 meses e 28 dias, deixando cinco filhas, 75 netos, 48 bisnetos e alguns trinnetos!

Considerações finais

A história dos *Kaffeepflücker* é um dos capítulos mais dramáticos e bem documentados da imigração alemã para o Brasil na segunda metade do século XIX. Mescla os dois exemplos de modelo de imigração subvencionada para o Brasil, o dos contratos de parceria nos latifúndios do sudeste com o das pequenas propriedades rurais familiares no sul. Também exemplifica as dificuldades que esses imigrantes passaram antes, durante e após a imigração, desmistificando a noção contemporânea da narrativa de que o colono europeu veio sempre de forma espontânea, organizada e vitoriosa em comparação com a história dos indígenas e dos africanos escravizados.

Referências Bibliográficas

- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Deutsch-Evangelische Gemeinde Petropolis. **Sterberegister** (1849-1942).
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Deutsch-Evangelische Gemeinde Petropolis. **Taufregister** (1846-1899).
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Deutsch-Evangelische Gemeinde Petropolis. **Traungsregister** (1846-1982).
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. **Totenregister** (1865-1891). Fotocópias depositadas no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC).
- JOCHM, Toni Vidal. **Pouso dos imigrantes**. Florianópolis: Papa-livro, 1992.
- JOCHM, Toni Vidal. **A epopeia de uma imigração: resgate histórico da imigração, fundação da colônia Santa Isabel e emancipação político-administrativa do município de Rancho Queimado**. Águas Mornas: Edição do autor, 1997.
- STEINER, Carlos Eduardo. **Origem e migração das famílias estabelecidas nas colônias Santa Isabel, Teresópolis e Itajaí (1847-1865)**. Campinas: Edição do autor, 2019a.
- STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias pioneiras na colônia Santa Isabel (1847-1865)**. Campinas: Edição do autor, 2019b.
- STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias pioneiras na colônia Teresópolis (1860-1865)**. Campinas: Edição do autor, 2019c.
- STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias evangélicas pioneiras nas colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro (1860-1880)**. Campinas: Edição do autor, 2021b.
- TAYLOR, Mitsi Westphal. **Germânia. As emigrações e as primeiras colônias germânicas no Brasil**. Florianópolis: Editora Secco, 2017.

TSCHUDI, Johann Jakob von. **Reisen durch Südamerika (Dritter Band)**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1867.

Webgrafia

ALVES, Débora Bendocchi. **Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro-Turingia (1852-1853)**. Rev Bras História v. 23, n. 45, p. 155-184, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/qWYPRWc6Wn33pZMLxG856QK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

BARBOSA, Luiz Antonio. **Relatório apresentado ao Exmo. Vice-presidente da Província do Rio de Janeiro, o Senhor Doutor João Manoel Pereira da Silva**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1857. Disponível em: <https://ia801300.us.archive.org/9/items/rperiojaneiro1857a/rperiojaneiro1857a.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

BELLO, Luiz Alves Leite de Oliveira. **Relatório apresentado ao excelentíssimo vice-presidente da província do Rio de Janeiro**. Niterói: Tipografia do Moderado, 4 de maio de 1862. Disponível em: <https://ia601308.us.archive.org/16/items/rperiojaneiro1862a/rperiojaneiro1862a.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

FERRAZ, Luiz Pedreira do Coutto. **Relatório apresentado ao Exmo. Vice-presidente da província do Rio de Janeiro**. Niterói: Empresa Tipografia de Amaral e Irmão, 8 de maio de 1852. Disponível em: <https://ia601304.us.archive.org/9/items/rperiojaneiro1852a/rperiojaneiro1852a.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

FERRAZ, Luiz Pedreira do Coutto. **Relatório apresentado ao Exmo. Vice-presidente da província do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Empresa Tipográfica do Diário de A. & L. Navarro, 1º de agosto de 1853. Disponível em: <https://ia601307.us.archive.org/7/items/rperiojaneiro1853a/rperiojaneiro1853a.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

FERRAZ, Luiz Pedreira do Coutto. **Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa na 2ª sessão da 9ª legislatura pelo Ministro e secretário dos negócios do Império**. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário de A & L Navarro, 1854. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1725/000053.html>. Acesso em: 04 abr. 2017.

HERKENHOFF, Ely; BÖBEL, Maria Thereza Eliza; RICHLIN, Helena Remina. **Lista dos Imigrantes**. Arquivo Histórico de Joinville, 1999. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Listas-de-imigrantes-de-Joinville-de-1851-a-1891-e-de-1897-a-1902.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL. Santa Isabel. **Totenregister (1865-1941)**. Transcrição por Selma Rassweiler. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CS27-FQMM-W?i=1352&cat=1123266>. Acesso em: 30 set. 2022.

MACEDO, Sérgio Teixeira de. **Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa na 3ª sessão da 10ª legislatura pelo Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1859. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1731/000086.html>. Acesso em: 04 abr. 2017.

STAATSARCHIV HAMBURG. **Sammlung Hamburger Passagierlisten (1850-1934)**. Hamburgo, Alemanha. Disponível em: <https://www.ancestry.com/search/collections/1068/>. Acesso em: 30 set. 2022.

STOER, Hermann. **Chronik der Pfarrgemeinde Santa Isabel, der älteste deutsch-evangelischen Siedlung in Santa Catarina**. S/ed, 1936. Traduzido por Felícia Emma Hatzk Schütz como “Crônica da Paróquia Santa Isabel, a mais antiga colônia alemã-evangélica em Santa Catarina”. Disponível em: https://pm.fecam.org.br/uploads/1721/arquivos/1645940_CRONICA_DA_PAROQUIA_DE_SANTA_ISABEL.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

THÜRINGISCHES STAATSARCHIV RUDOLSTADT. **Spezialinventar. Auswandererdatenbank**. S/ed, s/a. Disponível em: https://landesarchiv.thueringen.de/media/landesarchiv/5Standorte/Rudolstadt/Auswanderer/Spezialinventar_Auswanderer.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

VOIGT, André Fabiano; LANGE, Dieter; SCHNEIDER, Hans-Günter; WERLICH, Ricardo. **A imigração forçada dos “Kaffeepflücker”: razões e vestígios da tragédia de Böhlen em 1852**. In: JOCHEM, Toni; SILVEIRA, Daniel (org.). **1829: São Pedro de Alcântara, páginas de sua história**. Santa Catarina: Casa da Cultura de São Pedro de Alcântara, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/123925132899781/permalink/131240028834958/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

Cartas dos colonos, do capitão Saabye e relato de Totvarad

BUTTERS, Joh. Fr. Adam. Auszüge aus Briefen (Südbrasilien). An den löbl. Bürgerverein in Ranis. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 27 nov. 1852, vol. 6, n.º 139, p. 555. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035093/AWZ_06_1852_Nr139.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

HETZER, Joh. Wilhelmine. Santa Justa: Brief einer auf Kostenvorschuss ausgewanderten Thüringerin. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 31 mar. 1853, vol. 7, n.º 38, p. 152-153. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00045147/AWZ_07_1853_Nr038.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

KÖHLER, Constantinus. Santa Isabel (Brasilien). **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 16 maio 1862, vol. 16, n.º 20, p. 79. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00045390/AWZ_16_1862_Nr020.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

KÜHN, Adelheid. Briefe eines Halbpart-Kolonisten. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 12 jan. 1855, vol. 9, n.º 4, p. 14-15. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00041029/AWZ_09_1855_Nr004.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

KÜHN, Wilhelm. Briefe auf Kostenvorschuss übergesiedelten Plantagen-Arbeiter. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 11 ago. 1853, vol. 7, n.º 93, p. 372-

373. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035684/AWZ_07_1853_Nr093.pdf.

Acesso em: 30 set. 2022.

KÜHN, Wilhelm. Briefe eines Halbpart-Kolonisten. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 8 jan. 1855, vol. 9, n.º 3, p. 10. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00041021/AWZ_09_1855_Nr003.pdf.

Acesso em: 30 set. 2022.

MATZ, Christian. Auszüge aus Briefen (Südbrasilien). An den Tischlermeister Joh. Mich. Ludwig in Mellenbach. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 10 fev. 1853, vol. 7, n.º 18, p. 72. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035509/AWZ_07_1853_Nr018.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

MÖLLER, Heinrich. Auszüge aus Briefen (Südbrasilien). An den Schultheiss Voigt in Sitzendorf. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 8 fev. 1853, vol. 7, n.º 17, p. 68. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035519/AWZ_07_1853_Nr023.pdf.

Acesso em: 30 set. 2022.

NEUBAUER, Georg Nicol. Auszüge aus Briefen (Südbrasilien). **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 8 fev. 1853, vol. 7, n.º 17, p. 68. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035508/AWZ_07_1853_Nr017.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

REINHARDT, Joh. Christoph Gottfried. Auszüge aus Briefen (Südbrasilien). An Frau Marie Böttcher in Berka a. I. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 8 fev. 1853, vol. 7, n.º 17, p. 68. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035508/AWZ_07_1853_Nr017.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

REISE, Carl August. Briefe eines Halbpart-Kolonisten (Südbrasilien). **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 5 fev. 1855, vol. 9, n.º 11, p. 42. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00041055/AWZ_09_1855_Nr011.pdf.

Acesso em: 30 set. 2022.

REISE, Christian Heinr. Briefe auf Kostenvorschuss übergesiedelten Plantagen-Arbeiter. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 11 ago. 1853, vol. 7, n.º 93, p. 371-372. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035684/AWZ_07_1853_Nr093.pdf.

Acesso em: 30 set. 2022.

SAABYE, L. Auszüge aus Briefen. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 29 jul. 1852, vol. 6, n.º 87, p. 346. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035039/AWZ_06_1852_Nr087.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

SAAR, Christian Peter. Briefe auf Kostenvorschuss übergesiedelten Plantagen-Arbeiter. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 11 ago. 1853, vol. 7, n.º 93, p. 372. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035684/AWZ_07_1853_Nr093.pdf.

[jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035684/AWZ_07_1853_Nr093.pdf](https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035684/AWZ_07_1853_Nr093.pdf).

Acesso em: 30 set. 2022.

SCHNEIDER, Georg. Auszüge aus Briefen (Südbrasilien). **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 22 jan. 1853, vol. 7, n.º 10, p. 40. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035497/AWZ_07_1853_Nr010.pdf.

Acesso em: 30 set. 2022.

TOTVARAD, Carlos Kornis de. O Governo e a colonização. **Correio Mercantil e Instrutivo, Político, Universal**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1860, n.º 312, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20186&pesq=to-tvarad&pagfis=18304>. Acesso em: 30 set. 2022.

WERLICH, Gustav. Briefe auf Kostenvorschuss übergesiedelten Plantagen-Arbeiter. Nachschrift an den Brief von Christian Peter Saar. **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 11 ago. 1853, vol. 7, n.º 93, p. 372. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00035684/AWZ_07_1853_Nr093.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

WINKLER, Johann Christian Friedrich. Auszüge aus Briefen (Südbrasilien). **Allgemeine Auswanderungs-Zeitung**, Rudolstadt, 01 jun. 1854, vol. 8, n.º 64, p. 254-255. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00036277/AWZ_08_1854_Nr064.pdf.

Acesso em: 30 set. 2022.

Como citar este artigo

STEINER, Carlos Eduardo. **Os Kaffeepflücker da Turíngia para Santa Isabel**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.